



PASSOS

A INEXORÁVEL POSITIVIDADE DO REAL

Exercícios dos Universitários
de Comunhão e Libertação

R Í M I N I ,
D E Z E M B R O
2 0 1 1

A INEXORÁVEL POSITIVIDADE DO REAL

Exercícios dos Universitários
de Comunhão e Libertação

R Í M I N I , D E Z E M B R O 2 0 1 1

JPASSOS

INTRODUÇÃO | JULIÁN CARRÓN

9 de dezembro, noite

Vocês vieram da Argentina, da Áustria, da Bélgica, do Brasil, da Nigéria, da Rússia, da Espanha, da Suíça, da Uganda e de vários lugares da Itália: é o gesto mais claro de uma mendicância, de alguém que reconhece a própria necessidade, uma necessidade para a qual não é capaz de dar uma resposta com a própria energia, com a própria inteligência, com os próprios discursos. É isto que nos colocou a caminho cheios de espera: quanto maior é a espera, tanto mais estamos conscientes da nossa impotência. Por isso, o único gesto adequado para começar, quando estamos tão cheios de uma espera sem limites, é gritar, é pedir ao Espírito de Deus, ao único que pode responder adequadamente a esta espera.

Ó vinde Espírito Criador

“Onde está a vida que perdemos quando vivos?”¹, pergunta Eliot em *Os Coros de “A Rocha”*. Quase sem nos darmos conta perdemos a vida vivendo. Damo-nos conta de quanto a perdemos apenas quando acontece algo que nos torna conscientes, de outra forma poderíamos continuar quase sem nos apercebermos. Certos fatos que aconteceram recentemente tornaram muitos entre nós conscientes: a morte do nosso amigo Bizzo, a crise, a doença de pais ou de amigos nos tornaram conscientes mais do que nunca do quanto estávamos distraídos; estávamos perdendo a vida sem nem mesmo nos darmos conta.

Um de vocês diz: “A morte de Giovanni me arrancou de uma distração impressionante, e olhando para os fatos que aconteciam naquelas horas, reconhecia que mesmo se aquilo que havia acontecido me embrulhava o estômago e me fazia chorar, uma vez mais era o caminho para mim, para entender outra vez o que vale na vida. Os fatos aos quais me refiro são estes: testemunhos. Naqueles dias, tive a sorte de olhar pessoas que

1 T.S. Eliot, *Coros de “A Rocha”* (trad. Ivan Junqueira). São Paulo: mimeo, 2009, p. 5 (v. 15).

foram, verdadeiramente, testemunhas do que é viver diante de um fato assim: a minha namorada, os pais de Giovanni”. Ou como diz outra carta: “A morte de Bizzo e a doença, o ter descoberto que um dos meus mais caros amigos tem um câncer: desde quando aconteceram estes fatos não consigo me contentar em viver como se não estivesse acontecendo nada, e não posso evitar me levantar pela manhã, dizer o *Angelus* e pedir para entender o significado de tudo”. Ou ainda um outro que diz que despertou nele uma pergunta enorme e aberta sobre tudo. E eu poderia fazer uma lista sem fim de muitas contribuições de vocês que documentam isto.

Mas, o que demonstra o fato que nós tenhamos sido despertados de uma distração mortal? Que estávamos adormentados – é simples! –, que sobrevivíamos, que havia vencido um achatamento, uma vida cinzenta, e havíamos caído nesta situação sem nem mesmo nos darmos verdadeiramente conta. Por isso, se entende bem a frase de Eliot: “Onde está a vida que perdemos quando vivos?”

É a dramática situação que descreve um personagem de Graham Greene em *Fim de caso*, quando diz: “Para mim, o presente nunca é agora”². Terrível! Esta é a característica do mundo moderno do qual nós fazemos parte, como nos recorda Péguy: “O mundo moderno opera um imenso, total esvaziamento do presente”³, por isso estamos sempre “fora”. E, como descreve Pascal, “nunca nos atemos ao tempo presente. Antecipamos o futuro como [se fosse] muito lento para chegar, [...] ou relembramos o passado para detê-lo como [se fosse] muito rápido, imprudentes ao ponto de errar nos tempos que não são de fato nossos e não pensar minimamente no único que nos pertence. [...] É que normalmente o presente nos fere. Escondemo-lo da nossa vista porque nos aflige, e se o achamos agradável, lamentamos por vê-lo fugir [...]. De fato, quase não pensamos no presente e, se pensamos, é apenas para termos alguma luz sobre as disposições para o futuro”⁴. Por isso estamos sempre “fora”: “Ó sol adorável, lançaste teus raios num quarto vazio: o dono da casa estava sempre fora”⁵, escreve Ibsen.

2 G. Greene, *Fim de Caso*. Rio de Janeiro, Ed. Record/BestBolso, 2007.

3 C. Péguy, *Cartesio e Bergson*, Lecce, Ed. Milella, 1977, p. 236.

4 B. Pascal, *Pensieri*. Roma, Città Nuova Editrice, 2003, pp. 88-89.

5 H. Ibsen, *Peer Gynt*, atto V. Turim, Ed. Einaudi, 1959, p. 131.

Mas, agora, nós nos demos conta, todos estamos conscientes disto. De algum modo o choque da situação na qual nos encontramos vivendo coloca todos nós diante de uma decisão. Como dizia ainda um de vocês: “Aquilo que descobri nestes dias me coloca diante da decisão de olhar para a minha distração”, porque, uma vez que a descobrimos, podemos já ter começado a fugir não a suportando, mas é como se a vida apertasse sempre mais.

Neste verão, um dos nossos amigos citou um monólogo de Gaber, no qual o cantor recorda a própria história; cada um de nós a pode descrever com outros traços, segundo a própria experiência. Gaber diz: “Tinha quem era comunista porque pensava poder estar vivo e feliz somente na medida em que os outros também o fossem. Tinha quem era comunista porque precisava de um impulso em direção a algo de novo, porque estava disposto a mudar a cada dia, porque sentia a necessidade de uma moral diferente. Porque, talvez, era apenas uma força, um voo, um sonho, era apenas um ímpeto, um desejo de mudar as coisas, de mudar a vida”. É como se este ímpeto inicial não fosse capaz de responder a toda a espera, e então a pessoa se pergunta: “E agora?”. Cada um pode dizer onde colocou a própria esperança, que tentativas fez, que ímpeto teve – é impossível que uma pessoa esteja viva e não faça alguma coisa, não decida alguma coisa, não arrisque uma tentativa –, mas num determinado momento, diante do presente, eis a pergunta crua de Gaber: “E agora?”. Com tudo o que fizemos... “E agora?”⁶.

Qualquer que seja a resposta que dermos a esta pergunta, se a pessoa é leal consigo mesma vai acabar descobrindo a espera como definição do instante que vive. Por isso, o início deste gesto é cheio de espera. Diz Dom Giussani: “O início [...] está na terra, quando tudo é determinado pela espera. [...] A espera é o lugar de quem tem fome e sede”⁷; aquilo que me define mais do que qualquer outra coisa, mesmo mais do que meus erros, do que o tempo perdido, do que aquilo que me aconteceu, de como estou agora, do estado de espírito no qual me encontro, é que, no profundo de mim, pelo menos como desejo, como desejo de desejá-la, tenho esta fome, esta sede de uma plenitude para mim. Eis o valor do

6 G. Gaber; S. Luporini, “Qualcuno era comunista”. In: GABER, G. *Il teatro canzone* (CD). Carosello Records, Distr. Dischi Ricordi (1992).

7 L. Giussani, “A densidade do instante”. *Litterae Communio*, n. 54, nov/dez 1996, p. 34.

instante: tudo se joga agora, neste instante, diante deste reconhecimento da fome e da sede, porque, fora deste instante, não há nada. O sentimento que domina o instante é exatamente a espera. E se temos este instante de ternura por nós mesmos, se nos olharmos com aquela ternura com a qual cada um deseja ser olhado, seremos obrigados a reconhecer o desejo de ser abraçados com toda a nossa espera. Por isto, Dom Giussani diz: “Para viver o instante, você deve acolhê-lo e abraçá-lo”⁸, abraçar algo que não é seu, abraçá-lo, para que se torne a sua vida.

Vinha-me a mente, no início deste Advento, o exemplo de São Paulo. Não estamos sozinhos com a nossa espera; como dizia São Paulo: “corro para alcançar a Cristo, por Quem já fui alcançado”⁹. Esta frase sintetiza todo o caminho deste ano. Por quê? Porque se vê que algo aconteceu, que o cristianismo, para nós, em meio a tudo o que aconteceu, foi uma experiência presente, se vê que é algo que aconteceu, de verdade, entre nós, se, apesar de toda a nossa distração e de toda a nossa fraqueza, de toda a nossa convivência, somos obrigados a reconhecer a espera com a qual chegamos aqui. Exatamente por aquilo que vivemos juntos, chegamos ainda mais desejosos, esperando uma resposta, uma plenitude já vislumbrada: a espera é como o valor do acontecimento daquilo que estamos vivendo.

Um calouro de Bolonha conta isso de forma muito simples: “Para mim, encontrar o Movimento significou encontrar uma família, um lugar no qual posso viver sem censurar nada de mim. Quando conheci os jovens de CL foi a primeira vez que vi o cristianismo como uma presença que me envolve, que me arrasta, verdadeira, real, tangível, que tomou a minha vida, uma companhia indispensável para cada momento do meu dia, e com este espírito decidi participar dos Exercícios: buscar entender a natureza desta beleza, que oferece a grandiosa oportunidade de dar um sentido a cada gesto meu e a cada circunstância da minha vida. Estou certo de que não existe uma amizade maior do que esta”. É um evento que suscita esta espera, como em São Paulo: “Corro para alcançá-Lo”, para entendê-Lo sempre mais, “eu que já fui alcançado por Cristo”¹⁰. No que vejo que fui alcançado? Como diz o nosso amigo, sem dizê-lo com as mesmas

8 *Ibidem*, p. 35.

9 Fl 3,12.

10 *Idem*.

palavras: pelo fato que descobre em si este desejo de entender a beleza que encontrou. Ele reconhece que Cristo aconteceu, que Cristo é algo que está acontecendo agora, por causa daquele espera.

Portanto, podemos começar os nossos dias de Exercícios cheios destes desejos e com a consciência da nossa pobreza; vem nos consolar aquilo que disse alguém notável como São Bernardo: “Muitas vezes penso no ardente desejo que os patriarcas tiveram da presença carnal de Cristo, e então, dentro de mim, experimento humilhação e vergonha”. Por isso, nenhum escândalo pelo fato de que também nós podemos sentir esta humilhação e esta vergonha: “Quase sinto vontade de chorar – continua São Bernardo – quando penso, com dor, na frieza e na indiferença desta nossa época mesquinha. Quem entre nós experimenta, quando Ele, por graça, nos é mostrado, uma alegria tão grande como aquela que inflamava os corações dos nossos santos antepassados pela promessa da Sua encarnação? Pensem, quantos se alegraram pela Sua natividade que estamos para celebrar. Talvez se alegrassem de verdade pela Sua natividade. Mas, isto acende em mim um ardente desejo e um sentimento de espera confiante”¹¹.

É o que devemos pedir já a partir desta noite: que possamos viver estes dias dispostos a alcançá-Lo, cheios desta espera, despertada neste tempo por tantos eventos acontecidos, e que esta espera se torne pedido.

Estando conscientes do quão grande é a nossa fragilidade, peçamos ao Senhor que não deixe cair este desejo, este ímpeto, esta espera, e sustentemo-nos testemunhando uns para os outros que somos verdadeiramente amigos, não coniventes, e que não temos outro desejo que o de viver à altura daquilo que somos, de estarmos presentes a nós mesmos.

Por isso, o primeiro gesto que pedimos para ser verdadeiramente amigos, para nos ajudar a não viver também estes dias “fora de nós mesmos”, é o silêncio. Pelo menos por alguns momentos podemos estar presentes a nós mesmos. Temos tanto tempo para falar entre nós, mas pelo menos aqui vamos nos dar a oportunidade de gozar do espaço dado a Cristo nestes dias, porque o silêncio – amigos – brota diante de uma Presença. É a Sua Presença que me enche de silêncio. Para entender o que é o silêncio, imaginem quando aconteceu a vocês algo que os tenha

11 Cf. São Bernardo Chiaravalle, “Sermões II”. In: Chiaravalle, San Bernardo. *Del dovere di amare Dio e Sermoni sul Cantico dei Cantici*. Turim, ed. Utet, 1947, p. 77.

deixado sem palavras. O silêncio: mas não é um silêncio vazio, porque é cheio de uma Presença que o deixa sem palavras. O silêncio cristão é cheio deste acontecimento, nasce do acontecimento da Sua Presença, é um silêncio todo voltado ao trabalho, a reconhecer; não é um silêncio vazio, é um silêncio que escancara, que coloca em movimento no sentido de entender, de reconhecer, de trabalhar sobre aquilo que nos é dito, para que possamos voltar para casa com uma certeza maior, com uma clareza maior, que não pode ser arrancada pela primeira brisa ou pelo primeiro contratempo, como tantas vezes nos acontece (é tão superficial que, diante do primeiro “discorde acento”¹², tudo desaparece). Ajudemo-nos a viver este silêncio e este trabalho.

12 G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher” (v. 47). In: G. Leopardi, *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 277.

10 de dezembro, manhã

1. A URGÊNCIA DO VIVER

“Bastaria apenas voltar a ser crianças e recordar... / E recordar que tudo é dado, que tudo é novo e libertado”¹³, mas todos vimos, nestes últimos tempos, como isto não é óbvio de jeito nenhum. Todos sentimos – e é o primeiro ponto sobre o qual gostaria de me dedicar – esta urgência do viver.

Fiquei verdadeiramente maravilhado com o desafio que significou para todos nós a Jornada de Início de Ano, na qual retomei o capítulo décimo de *O senso religioso*, ou o panfleto sobre a crise, que não era outra coisa que um exemplo da positividade da realidade possível também diante de uma circunstância como aquela, que se fez ainda mais gritante diante da morte dos nossos amigos Bizzo e Marco. É como se tantas palavras, lidas devotamente por anos no capítulo décimo, tivessem sido desafiadas pelas circunstâncias, e então emergiu o nosso mal-estar, o desafio que estas palavras significavam verdadeiramente para nós; percebemos toda a urgência de reconhecer, de tocar com as mãos a verdade destas palavras.

“O homem que procura existir apenas positivisticamente, no calculável e no mensurável, no final permanece sufocado”¹⁴: com estas palavras o Papa, recentemente, identificou muito bem a urgência para a qual somos chamados a dar uma resposta, para sair deste sufocamento no qual tantas vezes nos encontramos vivendo. Estas palavras identificam profundamente aquilo que está em questão: o nosso relacionamento consciente, construtivo, realizado, satisfatório com a realidade. É este o desafio, porque é o nosso relacionamento com a realidade que será danificado, como María Zambrano identificou de maneira aguda: “O que está em crise, parece, é aquele misterioso nexos que une o nosso ser com

13 C. Chieffo, “Amare ancora”. In: P. Scaglione, *La mia voce e le Tue Parole*. Milão, Ed. Ares, 2006, p. 199.

14 Bento XVI. *Discurso à plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*. Cidade do Vaticano, 25 de novembro de 2011.

a realidade, de tal forma profundo e fundamental que é nosso sustento mais íntimo”¹⁵. Todo o nosso mal-estar, toda a nossa urgência, toda a dificuldade e todo o sufocamento que vivemos emergem porque está em crise o nosso nexa, o nosso relacionamento com a realidade.

Mas, o que quer dizer relacionamento com a realidade? É um problema de coragem? Trata-se de ter um pouco mais de energia, de ter um pouco mais de ênfase, um pouco mais de ímpeto? É um problema de caráter, de temperamento, de otimismo? Evidentemente não, porque qualquer ímpeto que seja se exaure por muito pouco, e “se um discorde acento / O ouvido fere, em nada / Se torna esse paraíso num momento”¹⁶. Todos vimos, ou melhor, vemos todos os dias: se fosse simplesmente um problema de energia, um instante depois estaríamos como novos. Por isto, Dom Giussani e o Papa insistem que o que está em jogo é um uso verdadeiro da razão, ou seja, que no relacionamento com a realidade possa se realizar toda a natureza da própria razão, para captar o real em todo o seu alcance e no seu significado autêntico. Disto – dissemos na Jornada de Início de Ano – depende o equilíbrio último da vida: a razão é a dimensão que caracteriza o relacionamento humano com tudo, a razão é a transparência da realidade que emerge na experiência, é o “banho de luz”¹⁷ – diz Dom Giussani – no qual a realidade se faz ver no seu significado.

Então, apenas se aprendemos a usar bem a razão é que poderemos entender o título destes Exercícios: “A inexorável positividade do real”.

Mas, o que pretendemos dizer falando de positividade do real? A inexorável positividade da realidade não tem nada a ver com trapacear, com uma visão otimista por tempo indeterminado, com o “ver positivo”, mas tem relação com a natureza mesma da realidade, com o seu tecido original, portanto com um uso verdadeiro da razão.

Vejam agora, neste filminho, como a realidade aparece a um olho atento.

15 Cf. M. Zambrano, *Verso un sapere dell'anima*. Milão, Cortina editore, 1996, p. 84.

16 G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher” (vv. 47-49). In: G. Leopardi, *Poesia e Prosa*, op. cit., p. 277.

17 L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*. Milão: Bur, 2011, p. 80.

*Projeção do filme*¹⁸

Há mais de trinta anos que tiro fotografias time-lapse das flores, sem interrupção, 24 horas por dia, sete dias por semana. E vê-las se movendo é uma dança que nunca me cansará. A sua beleza vem à tona nas cores, no gosto, no prazer do tato, e nos fornece um terço do alimento que comemos. Beleza e sedução são o instrumento da natureza para a sobrevivência, porque nós protegemos aquilo pelo que nos apaixonamos. Abre-nos o coração e nos faz dar-mo-nos conta de que somos parte da natureza, que não somos separados dela. Ver a nós mesmos na natureza nos coloca também em contato uns com os outros, porque é claro que tudo está conectado, é uma coisa só. Quando as pessoas veem as minhas fotografais, frequentemente dizem: “Ó, meu Deus!”. Vocês nunca se perguntaram o que isso quer dizer? “Ó”: quer dizer que atraiu a sua atenção, faz com que você esteja presente, atento. “Meu”: quer dizer que tocou algo no profundo da sua alma, criou uma passagem para a sua voz interior para que ela possa se erguer e se fazer ouvir. E “Deus”? Deus é aquela viagem individual que todos queremos fazer, que nos dá inspiração, nos faz sentir que somos parte de um universo que celebra a vida. Sabiam que 80% das informações que recebemos nos vêm através dos olhos? Se vocês compararem a energia da luz com a escala musical, a olho nu só se poderia ver uma oitava, exatamente a oitava central. E não somos gratos pelo nosso cérebro que percebe o impulso elétrico que vem da energia da luz para criar imagens de tal maneira que possamos explorar o mundo? E não somos gratos porque temos um coração capaz de sentir estas vibrações que nos permitem sentir o prazer e a beleza da natureza? A beleza da natureza é um dom que cultiva o apreço e a gratidão. Então, eu tenho um dom que quero compartilhar com vocês hoje, um projeto que estou levando adiante que se chama a “felicidade revelada”. Abrirá em nós um rasgo naquela perspectiva, do ponto de vista de uma criança e de um velho.

Criança: *Quando vejo televisão, são apenas espetáculos, cenas que são fantasiosas, e quando você vai explorar, mais imaginações do que você tinha antes lhe veem. E quando você tem mais imaginação, dá vontade de*

18 L. Schwartzberg, “Natureza. Beleza. Gratidão”, transcrição do vídeo retirado do YouTube (http://www.ted.com/talks/louie_schwartzberg_nature_beauty_gratitude.html). Acesso em 21 dez 2011, tradução nossa.

ir além – no profundo –, assim você vê mais coisas que são mais bonitas, por exemplo, um caminho poderia levar você a uma praia ou alguma coisa poderia ser bonita.

Velho: *Você pensa que este seja apenas um outro dia na sua vida; não é apenas outro dia, é o único dia que lhe é dado hoje. É dado a você, é um dom. É o único dom que você tem aqui e agora, e a única resposta apropriada é a gratidão. Se você não faz outra coisa além de cultivar aquela resposta ao grande dom deste dia único, se aprende a responder como se fosse o primeiro e último dia da sua vida, então você terá gastado muito bem este dia. Comece abrindo os seus olhos e fique surpreso com o fato que você tem olhos para abrir. Aqueles raios incríveis de cores que nos são oferecidos continuamente para o nosso puro gozo. Olhe o céu! Olhamos o céu tão raramente. Notamos tão raramente como é diferente de um momento para o outro, com o vai e vem das nuvens. Pensamos apenas no tempo que está fazendo, mas nem mesmo do tempo que está fazendo somos capazes de perceber todas as sutis variações, pensamos apenas no bom tempo e no mau tempo. Este dia, agora, o tempo que está fazendo é único, talvez nunca mais será como hoje, aquela formação precisa das nuvens nunca mais vai se repetir como agora. Abra os olhos, e olhe! Olhe os rostos das pessoas que você encontrar. Cada um tem uma história incrível por trás do próprio rosto. Uma história que não poderia ser penetrada até o fundo, verdadeiramente. Não somente a sua história, mas nem mesmo a de seus antepassados. Todos têm uma história tão antiga. E, neste momento, neste dia, todas as pessoas que você encontrar, toda a vida de todas as gerações dos inumeráveis lugares em todo o mundo, se reúnem num fluxo único e encontra você aqui como uma água que lhe dá vida tão somente se você abre o coração e bebe. Abra o coração aos dons incríveis que a civilização lhe dá: você só tem que apertar um interruptor e eis a luz elétrica, abre a torneira e sai a água quente, a água fria e a água potável. É um dom que milhões de pessoas no mundo nunca experimentaram. São só alguns dos inúmeros dons para os quais podemos abrir o coração. E portanto, desejo que você abra o coração a todas estas bênçãos, deixe que fluam através de você. Cada um que encontrar você hoje seja abençoado por você, apenas pelo seu olhar, pelo seu sorriso, pelo seu toque, apenas pela sua presença. Que a gratidão transborde numa bênção ao seu redor, e então será, de verdade, um bom dia.*

Se abrissemos os olhos como o velho deste filme e olhássemos o real como dado, teríamos esta impressão. Qual foi a estrutura da nossa reação? Sem que quase nos déssemos conta o que se mostrou atraiu toda a nossa atenção, algo tocou a profundidade do nosso eu; estamos gratos, surpresos pelo fato que o nosso olho se abriu ao real, gratos por ter olhos para abrir, e a beleza da natureza é um dom que nos enche de gratidão (é o olhar da criança que vê tudo como dado). Por isso, diz Dom Giussani, a realidade do nosso eu faz claramente a experiência de algo para o que não pode recusar o uso da própria vontade e do próprio reconhecimento, faz a experiência da beleza do dado, do dado como um bem. Lévinas escreve: “O Bem [...] tomou posse do sujeito antes que o sujeito tenha tido o tempo – ou seja, a distância – necessária da escolha. Não existe subordinação maior do que esta emoção que o Bem incute repentinamente: certamente uma eleição”¹⁹. É como ser tomados por este bem, por este dado: primeiro somos tomados e maravilhados, depois nos damos conta; na experiência do ser tomados podemos verdadeiramente conhecer: somente o maravilhamento conhece.

Por isso, “ser razoáveis significa reconhecer o que acontece na experiência. E, na experiência, a realidade surge como positividade”; Dom Giussani diz que “é tão positiva a realidade que brota na experiência, que inexoravelmente se revela como algo atrativo”²⁰. Nós reconhecemos que somos tomados por esta atração, quase apesar de nós mesmos, e que não podemos recusar o nosso reconhecimento à positividade da realidade (seria preciso desligar-se para recusá-la). Por isso, a inexorável positividade da realidade tem relação com a sua natureza mesma, com o seu tecido original, portanto com um uso verdadeiro da razão e, por isso, com a religiosidade, sendo a religiosidade o reconhecimento do Mistério implicado na realidade, como origem e significado dela. A religiosidade, portanto, coincide com o vértice da racionalidade, de forma que o obstáculo a ela não é a falta de uma certa sensibilidade ou inclinação, não é a falta de temperamento ou de energia, mas é uma parcialidade no uso da razão, ou seja, o preconceito positivista.

Onde está o obstáculo? O que impede que a razão seja si mesma, isto é, consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores, e que rea-

19 Cf. E. Lévinas, *Umanesimo dell'altro uomo*. Gênova, Ed. Nuovo Melangolo, 1998, p. 119.

20 Cf. L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*. Lisboa, Ed. Diel, 2003, pp. 125-126.

lize o percurso da nascente à fonte? O fechamento, a traição mais decisiva e grave da razão não diz respeito à capacidade de desenvolvimento lógico, mas se situa no início, no primeiro e contínuo impacto com a realidade: é uma traição que é uma deslealdade. Nós somos cheios, como postura, de uma deslealdade característica do início da modernidade, que Dom Giussani diz que “está em uma possibilidade permanente da alma humana, em uma triste possibilidade de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total”²¹. É como se nós, neste impor-se diante dos nossos olhos do dado e do bem, num certo momento bloqueássemos o nosso ímpeto humano, despertado pela atração do real, por aquela falta de compromisso e de curiosidade.

Vimos isto também no vídeo: num certo ponto o autor não é capaz de fazer todo o percurso e, depois de ter dito, descrito e surpreendido toda a beleza do real, quando deve dar o último passo, ou seja, “Deus”, não é capaz de reconhecê-Lo e O reduz a uma “viagem individual”, não realiza o reconhecimento último, sem o qual tudo é destinado a ser nada.

Aqui se documenta o preconceito positivista, que é como um vírus que se respira no ar, e faz com que não nos maravilhemos com o ser das coisas. A nossa razão não é frágil porque é incapaz de desenvolver demonstrações e cálculos, mas porque é privada de maravilhamento, de viver a repercussão diante do Ser, diante da Presença. Se eu reconheço que a realidade é dada, se não a dou por óbvia, ela, pelo fato que existe, grita Outro de si. Não há nada a fazer. Não é um problema de dedução nossa: a realidade clama, pelo fato mesmo de existir, por algo de outro como explicação adequada para o seu existir. Não é um acréscimo nosso, não depende do nosso estado de espírito ou daquilo que pensamos. Neste ponto, de fato, temos dificuldade, é como se não fôssemos capazes de captar o caráter de acontecimento da realidade, é como se tivéssemos uma razão deficiente, incapaz de reconhecer a origem daquela realidade que encontramos diante de nós, porque pulamos o primeiro ponto: a existência da realidade, a repercussão que sentimos diante da presença mesma do real. Eis a deslealdade que nos acompanha desde a origem da modernidade: damos por óbvio a repercussão diante da presença mesma do real, e assim dependemos dos nossos sentimentos.

21 L. Giussani, *Por que a Igreja*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p. 65.

A realidade sempre constituirá, para cada um de nós, este desafio, seja lá quais sejam os nossos pensamentos, seja lá qual seja a nossa postura diante do real; a realidade clama, de fato, pelo fato mesmo de existir, por uma explicação exaurível. Como descreve Giussani: “Mesmo os céus e a terra que existem há milhões de séculos são um acontecimento, um acontecimento que está acontecendo ainda hoje como novidade, na medida em que a sua explicação não é exaurível. Vislumbrar no relacionamento com cada coisa algo de outro significa que o relacionamento mesmo é um acontecimento; e se o homem não olha o mundo como ‘dado’, como acontecimento, a partir do gesto contemporâneo de Deus que o dá, ele perde toda a sua força de atração, de surpresa e de sugestão moral, quer dizer de sugestão de adesão a uma ordem e a um destino das coisas. [...] Todas as ‘realidades’ têm como denominador comum o fato que o homem não pode explicá-las para si em última instância, não pode defini-las de forma exaurível. Por isso, o acontecimento pode ser indicado como o emergir na experiência de algo que não pode ser analisado em todos os seus fatores, que tem em si um ponto de fuga em direção ao Mistério e que mantém a referência a uma incógnita [...]. Acontecimento indica, portanto, o contingente, o aparente, o experimentável na medida em que é aparente, como nascido do Mistério, como um dado, não no sentido científico, mas no sentido profundo e original da palavra: ‘dado’, o que é dado. Acontecimento é, por isso, um fato que emerge na experiência revelando o Mistério que o constitui”²². Por isso, quando dizemos que a realidade é positiva, falamos desta sua natureza, desta sua ontologia, que nunca pode ser dada por óbvia, como se fosse uma doutrina a ser aceita mecanicamente, mas é sempre descoberta e verificada na experiência. Mas, “a cultura dominante de hoje renunciou à razão como conhecimento, como reconhecimento da evidência com a qual a realidade se manifesta na experiência, isto é, a sua positividade. E renunciou à afeição à realidade, ao amor à realidade [...], porque, para reconhecer a realidade tal como ela surge na experiência, é necessário aceitar o impacto que provoca. O homem não aceita a realidade tal como ela se apresenta e quer inventá-la a seu modo, quer defini-la ao seu gosto, quer dar-lhe o rosto que ele mesmo escolhe”²³.

22 L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão, Ed. Rizzoli, 1998, pp. 17-18.

23 L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, op. cit., pp. 127-128.

Nesta situação se entende a relevância própria de nossa época da batalha levada adiante por Bento XVI, em meio à indiferença geral, pela defesa da verdadeira natureza da razão, para “alargar” a razão, por uma “razão aberta à linguagem do ser”²⁴. Tantas vezes também nós, diante do rosto contraditório da realidade, não conseguimos olhá-la assim, e somos como a criança – eu dava este exemplo recentemente – levada pelos seus pais à Disneylândia. Podemos imaginá-la facilmente maravilhada pelas atrações que vê, com as quais pode se divertir. Se estivermos atentos para surpreender as suas reações, também nós ficaremos tocados pelo fascínio que o real é capaz de provocar nela: tudo é percebido como positivo. Mas se, por um descuido, a criança se afasta dos pais e fica perdida no meio da multidão, tudo ganha outro sabor; a realidade é a mesma de antes, mas a percepção dela foi modificada, ela não a sente mais como amiga, mas como ameaçadora e hostil. Apenas se ela reencontrar os pais é que poderá ver restituída a verdadeira percepção da realidade.

É o que demonstra a história do povo de Israel, como recordamos recentemente: ele pôde olhar a realidade, mesmo aquela contraditória, sem sucumbir ao maniqueísmo – considerando uma parte positiva, boa, e outra negativa, má – exatamente por causa daquela companhia do Mistério que sempre permitiu ao povo de Israel olhar a realidade na sua verdade, como a Bíblia documenta desde a primeira página: “E Deus viu que isso era bom [...] que tudo era muito bom”²⁵. Esta afirmação, repetida por seis vezes no primeiro capítulo do Gênesis, exprime a convicção fundamental do povo de Israel: a realidade é boa, aliás, muito boa. E não é a afirmação ingênua de um tolo fora da história real dos homens e das suas aflições; sabemos bem, de fato, como estes primeiros capítulos não foram escritos no início da história de Israel, mas séculos depois, ao final de um longo percurso no qual não lhe foi poupado sofrimento algum, nem mesmo o exílio. Mas, é exatamente ali, no desastre total, que é possível ainda escrever: “E Deus viu que a realidade era muito boa”.

Por isso, a consciência da inexorável positividade do real consiste exatamente nisto: no reconhecimento de “Deus como autor e afirmação da vida humana; que não abandona a vida depois de tê-la chamado a

24 Bento XVI. *Discurso no Parlamento federal*, Berlim, 22 de setembro de 2011.

25 Cf. Gn 1,10.12.18.21.31.

existir”²⁶. Mas, isto quer dizer que nós vemos a realidade como positiva por causa de um preconceito religioso? Se fosse assim, seria um triste consolo. Dom Giussani diz que esta nossa percepção da “positividade diante da vida, da realidade, não é induzida por nós da companhia, mas nos é ditada pela natureza”, ou seja, pelo ser das coisas. “A companhia [como acontece com a criança] torna mais fácil para nós aceitar isto”²⁷, mas a realidade pode ser percebida como positiva porque “é” positiva.

Temos uma dificuldade, uma fraqueza profunda, que a Igreja chama de “pecado original”, que nos impede de olhar totalmente para a realidade assim como ela é, de forma que, diante do rosto da realidade, às vezes contraditório, não somos capazes de reconhecer o Mistério que está por trás de tudo aquilo que existe. Por exemplo, algumas pessoas perguntam: “Mas, diante do mal, dos campos de concentração, podemos dizer que a realidade é positiva? E diante da morte?”

Mas, até mesmo aqui a nossa liberdade é chamada em causa. Sempre fiquei tocado, a propósito disto, com o relato de Elsa Morante, que descreve o que aconteceu a um guarda nazista das SS. “Havia um soldado nazista que, devido a seus delitos horrendos, um dia, ao amanhecer, era levado para ser fuzilado. Restavam-lhe ainda uns cinquenta passos até o ponto da execução, que ocorreria no pátio da prisão. Nessa travessia, o olho, por acaso, pousou sobre o muro rachado do pátio, onde havia florescido uma daquelas flores semeadas pelo vento, que nascem em qualquer lugar e parece que se nutrem do ar e da poeira. Era uma mísera florzinha, composta de quatro pétalas violetas e por um par de pálidas folhinhas, mas, naquela primeira luz do nascente, o soldado nazista viu, com o seu esplendor, toda a beleza e a felicidade do universo e pensou [exatamente ali, enquanto estava indo para a execução, depois do mal que fez e que viu, diante daquela florzinha, pensou]: ‘Se pudesse voltar atrás e parar o tempo, estaria disposto a passar toda a minha vida na adoração daquela florzinha’ [aquela florzinha repropõe ao homem que construiu e viu Auschwitz, como no início, como se abrisse os olhos naquele instante, todo o drama do ser das coisas; e não pode evitar ver e perceber em si que a coisa mais conveniente seria passar a vida inteira na adoração daquela florzinha]. Então, como

26 L. Giussani, “Com o infinito no coração”. *Corriere della Sera*, 24 de agosto de 2001, p. 1.

27 L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 292-293.

que duplicando-se, ouviu dentro de si a sua própria voz, [...] que lhe gritava: ‘Em verdade eu te digo: por causa deste último pensamento, à beira da morte, tu serás salvo do inferno’ [salvo por causa disto, não porque não será condenado; mas porque recupera todo o real. O inferno, de fato, é este distanciamento da realidade, que faz com que a pessoa fique isolada de tudo e de todos. O guarda sentiu como que de novo, pela primeira vez, este vínculo, o nexa com a realidade se recompôs, e por isso a sua vida pode ser salva]. Tudo isto, para ser contado, exigiu de mim um certo intervalo de tempo, mas ali, durou meio segundo. Entre o soldado nazista que passava no meio da guarda e a flor que se mostrava no muro havia ainda praticamente a mesma distância inicial, apenas um passo. ‘Não! – gritou para si mesmo, virando-se para trás com fúria – Não vou cair de novo nesses truques!’ e como tinha as duas mãos presas, arrancou aquela florzinha com os dentes, jogou-a no chão, pisou-a e cuspiu sobre ela”²⁸.

Não há mal, não há situação, não há fraqueza que possa, de forma definitiva, tirar a liberdade. Como nos diz Giussani, “nenhum resultado humano pode ser imputado exaustivamente a meras circunstâncias exteriores, posto que a liberdade do homem, apesar de enfraquecida, permanece marca indelével da criatura de Deus”²⁹. Assim como para este guarda nazista todo o drama diante do ser das coisas é reproposto, no sinal daquela florzinha, mesmo diante das perguntas que nascem frente a Auschwitz e a morte, depois de ter tocado com a mão toda a sua contradição e a de seus contemporâneos, assim também para nós se repropõe o mesmo drama: “Não! Não vou cair de novo nesses truques!”. Podemos tocar com a mão aquele “recôndito início”³⁰, de que fala a Escola de Comunidade, e não porque a realidade não seja positiva, mas porque nós decidimos não reconhecer, não aderir àquela atração que pode aparecer no sorriso de uma criança ou na florzinha que nasce por acaso.

Aqui se situa todo o nosso drama; por isso, uma de vocês se perguntava: “Mas, de onde posso partir outra vez? Qual é a posição para não cair outra vez neste beco sem saída, que não é outra coisa que a minha medida? Quem nos pode ajudar nesta situação?”

28 E. Morante, *La storia*. Turim, Ed. Einaudi, 1974, pp. 604-605.

29 L. Giussani, *Por que a Igreja*, op. cit., 2004, p. 66.

30 L. Giussani, *O senso religioso*. Brasília, Ed. Universa, 2009, p. 186.

2. SOMENTE O DIVINO SALVA O HUMANO

Somente a presença do divino pode salvar a estatura do homem e a sua razão. Como fazemos para saber que isto aconteceu? Quando o vemos acontecer diante dos nossos olhos. Como aconteceu com João e André, que reconheceram o divino entre eles porque a sua razão e a sua liberdade eram salvas. Deus, de fato, para poder facilitar ao homem o seu caminho humano, Se fez homem, atraindo a totalidade do eu, vencendo a redução da razão, a fratura entre o reconhecimento e a afeição; com Cristo acontece exatamente o resgate do maravilhamento e da razão.

Como Cristo se impôs à atenção daqueles que O encontravam, que O escutavam e que, depois, O seguiam? Dom Giussani nos desafia: “Como podemos definir o motivo pelo qual se diz ‘sim’ a Cristo? O motivo para dizer ‘sim’ a algo que se introduz na nossa vida, vencendo todos os preconceitos, é uma beleza: uma beleza e uma bondade que podemos muito bem não conseguir definir, mas que sentimos como conteúdo da nossa razão pela decisão mais grave na qual ela está implicada, ou seja, a fé, porque a fé nasce como reconhecimento da razão [...] ‘Somente o maravilhamento’: o maravilhamento, como para João e André. Esta é a palavra que explica tudo aquilo que nós dizemos sobre o início da fé. O gesto da fé se esclareceu, surgiu e foi ‘gerido’ em João e André (que importância tem para nós esta primeira página do Evangelho de João!) por uma Presença: [...] uma Presença sugestiva, uma Presença que tocava, uma Presença que maravilhava: ‘Mas, como faz para ser assim?’. É tal e qual aquilo que é dito em todas as frases que as pessoas com as quais vivemos podem dizer, podem ser ‘obrigadas’ a dizer [...] pelo nosso testemunho (‘Como fazem para ser felizes assim?’, ‘Mas, como é que você faz para ser sereno assim?’)”³¹.

Uma amiga nossa conta: “Antes de começar a Academia de Brera, eu era uma pessoa que não prestava muito atenção naquilo que me cercava, não aprofundava aquilo que me acontecia e não conseguia entender o que me agradaria fazer na vida, e deixava que outros decidissem no meu lugar. Tão logo me inscrevi na Academia, comecei a conhecer pessoas novas. No início, parecia-me tudo estranho e não conseguia entender o sentido de suas ações (Escola de Comunidade, panfletagem, assembleias),

31 L. Giussani, *Luomo e il suo destino. In cammino*. Gênova, Ed. Marietti 1820, 1999, pp. 151-152.

nunca havia visto algo parecido. Mas, depois, a minha curiosidade crescia ainda mais e eu tive que experimentar me identificar com eles e começar a ir ver aquelas coisas (por exemplo, panfletar). Nestas experiências, eu me dava conta de ser feliz. Estas amizades me fizeram mudar o modo de pensar e me abriram a mente, me perguntam o por quê das coisas. Comecei a usar a razão de outra maneira, e a pensar mais naquilo que faço. Graças à amizade deles eu sou a pessoa que me tornei agora. Espero caminhar junto com eles nesta estrada”.

Hoje, assim como há dois mil anos: “Mas, aquela impressão excepcional, aquele maravilhamento inicial era, psicologicamente, feito de quê? O maravilhamento inicial era um *juízo* que se tornava imediatamente *ligação* (como alguém que vê você no monte norte de Bergamo e diz: ‘Que bela garota!’ e se liga a você. Entende?). Era um juízo que era como que uma cola: *um juízo que o colava*. De forma que todos os dias passavam demãos de cola e não podiam mais ficar livres!”. Por este juízo a nossa fraqueza e fragilidade, aos poucos, são vencidas, por estas demãos de cola que não podemos deixar de passar, das quais não podemos nos livrar. “Não era uma ligação sentimental, não era uma fenômeno emocional: era um fenômeno da razão, exatamente uma manifestação daquela razão que liga você à pessoa que está na sua frente, na medida em que é um juízo de estima; olhando-a, nasce uma maravilha de estima que o faz se ligar. Não tem nem mesmo a sombra da irracionalidade ou da força: ‘Se formos para longe de ti, para onde iremos? Somente Tu tens palavras que explicam a vida’, Lhe disse, uma vez, Pedro, com sua veemência usual”³².

Nada além dessas frases, é capaz de descrever sinteticamente aquilo que aconteceu: o coração de João e de André, “naquele dia, havia se deparado com uma presença que correspondia inesperada e evidentemente ao desejo de verdade, de beleza, de justiça que constituía a sua humanidade simples e não presunçosa. Desde então, mesmo traindo-o e entendendo-o mal mil vezes, não o teriam mais abandonado, tornando-se ‘seus’”³³. Como escrevia a nossa amiga: “Espero caminhar junto deles nesta estrada”; se tornou Sua.

Giussani nos lembra: “Neste momento histórico, no qual uma grave responsabilidade de mudança e de exemplo pesa sobre nós, é preciso que

32 L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*. Milão: Bur, 1999, p. IX.

33 L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo, Ed. Companhia Ilimitada, p. 17.

o sujeito cristão seja bem sólido. E o sujeito cristão é sólido quando: 1) *é humanamente sólido*, quer dizer, afirma o próprio coração diante de qualquer coisa; 2) *reconhece Cristo*, sem o qual a afirmação do próprio coração é abalada³⁴. Basta isto, simplesmente: o seu coração e Cristo; para encontrar Cristo não precisamos de outra coisa além da nossa humanidade necessitada. Como conta uma de vocês sobre o amigo chinês encontrado recentemente: “No início deste ano acadêmico, durante a recepção dos calouros, eu e alguns amigos encontramos um rapaz chinês. Ele vive na Itália há dois anos e frequenta a faculdade de Matemática como eu; visto que chegou aqui sem saber italiano, no ano passado não conseguiu passar pelas provas e procurou aprender a língua que, agora, conhece apenas um pouco. Durante as primeiras semanas de aula, eu o convidei para almoçar comigo, marcando com ele no lugar onde nos encontramos para rezar o *Angelus*. Quando ele chegou, expliquei que, antes de ir comer, nós rezávamos juntos. Quis ficar, esboçando, no início da oração, um estranho sinal da cruz. Terminado o *Angelus*, ele se virou para mim e me perguntou: ‘Mas, o que vocês disseram?’. Eu pensei que me perguntava sobre os avisos, e assim comecei a lhe explicar, mas ele me interrompeu e disse: ‘Não, antes, o que vocês disseram?’. Entendi, então, que estava me perguntando da oração, e descobri, desta forma, que não sabia nada de Jesus e do cristianismo. Em outubro, organizamos um encontro para os calouros de introdução à universidade. Ele também decidiu participar. Durante o almoço de sábado, virou-se para mim e me disse: ‘Amanhã tem missa: eu virei à missa!’. Não sei quem foi que lhe disse. Seja como for, no domingo ele foi à igreja conosco. Durante a noite e os cantos de sábado, o meu amigo chinês exclamou para um garoto sentado ao seu lado: ‘Olha, André, que bonito! A vida é mesmo bonita!’. Desde a segunda-feira depois do encontro, ele começou a participar todos os dias do *Angelus*, e quer comprar o livro da Escola de Comunidade. Na noite anterior à festa de Todos os Santos, recebi um telefonema seu: ‘Amanhã, para os cristãos, é festa. Vamos a missa!’. No dia seguinte, fomos à missa juntos. Fico maravilhada por ver que não participa das coisas apenas para olhar, mas quer imitar todos os gestos que fazemos, até o ajoelhar-se durante a elevação do Santíssimo. Numa

34 L. Giussani, *Una presenza che cambia*. Milão, Ed. Bur, 2004, p. 369.

noite, enquanto íamos para a Escola de Comunidade, me disse: ‘Soube que é preciso se inscrever para a Escola de Comunidade’. Eu, um pouco na defensiva, lhe disse: ‘Que nada! Escuta: você não precisa se inscrever se quiser vir. Nós nos inscrevemos pagando uma pequena cota, porque é um gesto simples, com o qual decidimos sustentar a vida do Movimento’. Quando entendi que ele não estava acusando nada, mas estava muito mais é aborrecido com o fato de que ninguém lhe tenha feito a proposta, a minha reação foi desencorajá-lo, porque eu pensava comigo mesma ‘mas o que esse cara sabe sobre o Movimento, sobre Cristo? Por que quer se inscrever?’. A resposta foi totalmente inesperada: ‘Mas, eu pertenço’ [é alguém de fora que nos tem que ensinar isto: ‘Mas, eu pertenço!’]. Depois da Escola de Comunidade, fui até ele e lhe perguntei: ‘Por que quer se inscrever?’. Com o ar espantado, quase aborrecido, ele respondeu: ‘Como? Para seguir’. Já faz algumas semanas que ele vive num apartamento com os nossos, pessoas meio desconhecidas dele; de fato, deixou a casa na qual viveu por um ano com outros garotos chineses. Durante uma das últimas Escolas de Comunidade, Giacomo deu o aviso sobre os Exercícios. Quando saímos da sala, ele foi até Giacomo e lhe perguntou: ‘Você deu um aviso importante, os Exercícios Espirituais. Mas, o que são?’. Ele não havia entendido nada, como quase sempre, mas captou a palavra ‘importante’. No dia seguinte, almoçamos juntos e ele perguntou a cada um de nós quem iria a estes Exercícios. Na semana seguinte, se inscreveu. Alguns dias atrás, nos disse: ‘Na China, temos uma tradição: cremos que existam anos de sorte. Este ano não deveria ser uma destes, porém, para mim, o é, porque encontrei vocês’. Para mim, foi uma verdadeira graça tê-lo encontrado. Vocês tinham que vê-lo na universidade, está sempre contente (mesmo diante das provas que, para ele, não são nada fáceis, sobretudo por causa da língua), totalmente tomado por Algo que, para mim, é claro que não sou eu, muito menos os meus amigos”.

Vocês sabem qual é a positividade última do real? Aquilo que temos dificuldade para reconhecer, mas que este garoto captou de modo evidente. Não é o que aparece, ele é consciente disso: “Totalmente tomado por Algo que, para mim, é claro que não sou eu”; passa através dela ou dos amigos, mas é Algo de outro: “Todo dia tem necessidade de vir cumprimentar uma pobrezinha como eu, para me dizer aquilo que faz, e isto

me enche o coração de comoção. O que vê em nós de tão fascinante que o enche de tanto alegria assim? Quem és Tu que tomaste desta forma a sua vida? Eu não acreditava que o último chegado, o mais distante do cristianismo, pudesse ser, para mim, uma tão grande companhia. Hoje, também eu tenho necessidade de vê-lo, não porque deva, mas para que possa fazer minhas as palavras do Livro das Horas da quinta-feira: ‘Resplandece, Senhor, o Teu rosto, e seremos salvos’”.

Hoje, é tal e qual no início. O que acontece? Qual é a preocupação de Jesus com os Seus, com aqueles que começam a estar com Ele? Ele começa a introduzi-los numa realidade, num modo de usar a razão que os maravilha. Consideremos alguns exemplos: imaginem a surpresa dos discípulos que voltam da missão aonde os enviou, e estão todos “exaltados” com o que aconteceu; e Ele olha para eles com uma ternura sem limite: “Os setenta e dois voltaram alegres, dizendo: ‘Senhor, até os demônios nos obedecem por causa do teu nome.’ Jesus respondeu: ‘Eu vi Satanás cair do céu, como um relâmpago. Eu vos dei o poder de pisar em cobras e escorpiões, e sobre toda a força do inimigo. Nada vos poderá fazer mal. Contudo, não vos alegréis porque os espíritos se submetem a vós [porque isto não vos bastará]”³⁵. Que olhar, que consciência do que é homem, que ternura sem limite Jesus tem ao dizer, antes que seus amigos se tornem céticos também quanto aos milagres que eles realizam: “Não vos alegréis com isto, porque isto nunca será suficiente. Alegrai-vos muito mais porque os vossos nomes estão escritos nos céus, porque fostes escolhidos, porque sois meus amigos, porque somente eu posso realizar todo o vosso desejo de plenitude”. Quantas vezes eles não entenderam as palavras de Jesus, quando exprimia todo o olhar cheio de comoção diante do mistério do eu: “De fato, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida? Ou que poderá o homem dar em troca da própria vida?”³⁶. Um olhar assim sobre o homem nunca havia acontecido antes: estando com eles, Jesus tem a preocupação de introduzi-los exatamente a um olhar verdadeiro, pleno sobre a realidade: “Não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as vestes? Olhai as aves

35 Lc 10,17-20.

36 Mt 16,26.

do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem nos celeiros e vosso Pai celeste as alimenta”³⁷. Jesus não pode olhar nem mesmo os pássaros sem reconhecer a sua origem e Quem os mantém em vida: “Será que vós não valeis mais do que eles? Quem de vós pode, com sua preocupação, acrescentar um só dia à duração de sua vida? E por que ficar tão preocupados com a roupa? Olhai como crescem os lírios do campo. Não trabalham, nem fiam. No entanto, eu vos digo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um só dentre eles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje está aí e amanhã é lançada ao forno, não fará Ele muito mais por vós, gente fraca de fé? Portanto, não vivais preocupados, dizendo: ‘Que vamos comer? Que vamos beber? Como nos vamos vestir?’ Os pagãos é que vivem procurando todas essas coisas. Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso”³⁸. A nossa preocupação nos desgasta. Como se pudéssemos, com as nossas preocupações, resolver todos os nossos problemas, ao invés de fazer tudo o que está nas nossas mãos, mas com a certeza – sem a qual seríamos como os pagãos – de que Alguém se preocupa conosco. Se esta introdução à realidade, se este despertar a razão dos discípulos era decisivo naquela época, imaginem agora que, como nos lembra Giussani, “nós [...], no clima moderno, fomos afastados não das fórmulas cristãs [...], não dos ritos cristãos [que podemos continuar fazendo], não das leis do decálogo cristão, diretamente. Fomos desligados do fundamento humano, do senso religioso. Temos uma fé que não é mais uma religiosidade”³⁹. Por isto, é decisivo, é urgente, hoje mais do que nunca, um cristianismo capaz de despertar a nossa razão, a nossa liberdade; sem isto estaremos perdidos como todos.

Pelo contrário, qual é o sinal de que algo está acontecendo entre nós? Que possamos estar diante dos maiores desafios que nos acontecem, com uma capacidade desconhecida de usar a razão, até mesmo diante do maior de todos os desafios – pela positividade da realidade – que é a morte: “Sexta-feira pela manhã, Riccardo me disse: ‘Esta noite, Bizzo morreu.’ De repente me dei conta de que a vida, toda a existência, é potentemente outra

37 Mt 6,25-26.

38 Mt 6,26-32.

39 L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno* (pro manuscripto). Chieti, 21 nov 1985, p. 15.

coisa se comparada com as minhas capacidades. Verdadeiramente, a vida não depende de mim. O meu existir, o de Bizzo ou daqueles que me são mais queridos, por mais que eu seja grata por sua presença, não depende de mim”. Finalmente alguém que não dá por óbvio o existir! “Nem mesmo o meu desejo, por maior que seja, de que eles continuem existindo é capaz de mantê-los ao meu lado. Dei-me conta profundamente de que eu sou uma criatura, Bizzo é uma criatura, somos criados. Fui até mesmo uma surpresa para os meus pais. Dei-me conta de que todos os meus traços, o meu caráter e a minha índole chegaram até eles de forma imprevista. O meu existir é uma surpresa também para mim, então explodiu a pergunta: mas, quem me fez? Quem me pensou? Embati-me com o fato de que Alguém, antes de qualquer outro, desejou Bizzo, e não como uma força de expressão, mas ao ponto de fazê-lo, de tirá-lo do nada, de fazê-lo existir, de dar vida às fibras do seu corpo, de pensar para ele um rosto único. Continuamente me vejo pensando que poderíamos não existir; mas existimos. E me dei conta de que o meu existir, o existir de Bizzo, é o gesto de Alguém, o ato contínuo de um Outro. Frente a isso, como pensar que Aquele que, mais do que ninguém, desejou Bizzo, a um certo ponto, se esqueceu dele, deixou de cuidar dele? Assim, diante de quem dizia ‘não tem sentido aquilo que aconteceu’ [por causa do rosto que a realidade apresenta], despertava uma rebelião incrível dentro de mim”. Esta é a potência de Cristo! Que faz despertar todo o nosso eu, ao ponto que quando alguém o vê reduzido experimenta uma rebelião incrível: “Eu sentia vontade de dizer: como pode ser que Aquele que foi fiel a Bizzo mais do que todos nós, mais do que todos os seus amigos, fazendo-o existir instante após instante, tenha se esquecido dele? No funeral, fiquei comovida, eu estava totalmente ferida pelo fato de ser criatura. Vinha-me à mente aquela passagem da Bíblia: ‘Amei-te com amor eterno, tive piedade do teu nada’ (cf. Jr 31,3)”.

O que me impressiona deste testemunho é o olhar que permite usar a razão assim, exatamente quando tudo parece desabar. Não foi uma visão qualquer que lhe fez viver isto: começou a brandir a sua razão, olhando para si mesma sem dar-se por óbvia, como criada, como criatura, observando o seu existir como uma surpresa, nada óbvia de fato, até chegar a reconhecer Alguém que desejou que Bizzo vivesse, porque a vida é um ato contínuo de um Outro. E até chegar a perceber dentro de si uma rebelião

quando alguém tentava reduzir esta evidência. O cristianismo gera um tipo de homem assim: não um visionário, mas uma pessoa capaz de não reduzir a realidade, e que se rebela quando uma outra pessoa a reduz, então a pessoa começa a entender que Quem tem a força de gerar-nos tem também a força para nos dar a vida para sempre.

E o que aprendemos quanto à razão, nós o aprendemos também quanto a liberdade. Dom Giussani nos diz ainda: “O desafio às circunstâncias é o conteúdo do seu relacionamento com Cristo, que coincide com a modalidade do seu relacionamento com o homem, com o outro”⁴⁰. “A consciência do relacionamento com Cristo, da presença de Cristo, liberta uma coragem [...], liberta uma coragem na resposta aos desafios das coisas, liberta uma coragem no amor a todas as circunstâncias: a pessoa não foge de nada, não tem medo, não foge, mas julga e julga por aquela caridade que a une a Cristo, por esta gratuidade suprema que é o reconhecer [...] a presença de Cristo”⁴¹. Quem não deseja esta liberdade diante de tudo, mesmo diante do rosto contraditório da realidade? É uma outra carta que testemunha isto: “Escrevo para agradecê-lo pelos passos que está me fazendo dar, numa situação que é muito difícil. Recentemente, foi-me comunicado que sofro de uma doença neuro-degenerativa, que, mais cedo ou mais tarde, me levará a perder muitas capacidades físicas e mentais. Sendo uma doença genética, eu sabia que eram altas as probabilidades de eu sofrer dela, e esta condição me provocou uma inquietude que se revelou inesperadamente positiva. Com o medo que eu tinha, me descobri necessitado de seguir em primeira pessoa o percurso que está nos propondo fazer. Não queria mais viver de forma passiva e comecei a intuir que havia algo capaz de quebrar o muro das minhas angústias. Assim, eu o segui como nunca havia feito, ou seja, comecei a querer ver se as coisas que você dizia comunicavam verdadeiramente algo de novo para a minha situação. Por anos, eu construí para mim mesmo uma filosofia religiosa, um modelo aparentemente cristão que pudesse esquematizar tudo sem que eu precisasse me esforçar demais e que me fizesse crer estar sempre no caminho certo. Quando comecei a olhar seriamente para a possibilidade de ter esta doença, emergiu uma necessidade visceral que destruiu todos os meus

40 L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*. Milão: Bur, 2011, p. 217.

41 *Ibidem*, p. 197.

esquemas, que não conseguiam mais ficar de pé. Agora, quero verificar, de verdade, e procurei não dar nada por óbvio. E o que mais eu poderia fazer se não me agarrar àquela superabundância de positividade que me tocava nas Escolas de Comunidade e no juízo sobre a crise? Tenho uma necessidade física, visceral, não posso fazê-la calar. Assim, se antes eu olhava com um pouco de distância, com soberba, as propostas na universidade, depois comecei a procurar não perder um gesto sequer, porque começava a se tornar verdadeiramente satisfatório seguir esta estrada. Depois, no meio deste percurso, chegou dos médicos a notícia de que sofro realmente desta doença. Imediatamente explodiu uma pergunta fortíssima e impossível de censurar: ‘Posso, nesta situação, verificar que a realidade é positiva em última instância?’. Comecei, então, a olhar atentamente para como eu vivo os dias. É incrível o que está me acontecendo! Acontece que me maravilho cada vez mais com aquilo que estudo na universidade e noto uma profundidade nova naquilo que escuto nas aulas, observo ainda mais o quanto aquilo que está ao meu redor é cheio de uma ordem e de uma beleza fascinante. E me comovo com o olhar dos meus amigos, porque encontro uma companhia que supera todos os meus cálculos e resultados. Noto nas coisas uma profundidade e um fascínio que não pode ser obscurecido nem mesmo pela doença, mas não porque eu tenha me refugiado nela, mas porque, de verdade, tem dentro dela algo de imenso, que nada pode esconder. Mesmo a minha doença não é vista com desespero, mas considerando-a seriamente sou impulsionado a não ser mais falso diante das coisas, a não raciocinar com os esquemas do mundo que se revelam inúteis e a buscar quem de verdade pode me ajudar. Mas, então, o que permitiu tudo isto? Como é possível que o meu olhar não possa ser reduzido pelo cansaço e pela dor? Vejo que as coisas têm uma profundidade e um significado novo, mesmo quando são, como frequentemente são, dramáticas. Como pode acontecer uma coisa do gênero? Não pode ser um esforço individual meu, uma tentativa minha de salvar o que pode ser salvo, não resistiria um segundo sequer. Acontece-me, simplesmente, de me dar conta de amar aquilo que tenho diante de mim, porque efetivamente tem algo a mais, algo que está em mim [aquele bem que toma posse de mim antes de qualquer distância], que me sacode, me desperta e me chama. Quem me deu uma razão assim, capaz de captar as coisas

presentes? Quem, através do desafio que é colocado diante de mim, torna a vida fascinante? Para responder a estas perguntas sou obrigado a olhar a minha história, as minhas perguntas e aqueles rostos e aqueles encontros que continuamente acontecem diante dos meus olhos e todo o percurso feito, seguindo você, nestes últimos meses. É isto que me deu a consciência do alcance de Quem está presente. Eu, agora, estou apenas no início e só posso seguir com toda a minha convicção esta estrada, partindo do desafio que é colocado diante de mim, visto que estou verificando que a superabundância do Mistério me abraça em cada situação. É maravilhoso enfrentar todas as coisas assim e é exatamente o que mais desejo agora. Obrigado, obrigado de verdade”.

Esta é a novidade que Cristo introduz na vida de todo aquele que estiver disponível à verificação.

Convido a cada um de vocês ao trabalho, para poder chegar à profundidade das razões que nos demos.

10 de dezembro, tarde

Julián Carrón: Comecemos a nossa assembleia. Responderei às perguntas que se referirem ao trabalho a ser feito, de forma mais detalhada, na síntese de amanhã pela manhã, como proposta para um caminho. Agora, tentemos responder, pelo contrário, às perguntas que emergiram quanto àquilo que nos dissemos esta manhã. A primeira.

Colocação: O que quer dizer que a espera é a definição do instante que vivemos? Para mim, frequentemente, parece que espero algo que sei que existe e que me enche o coração, mas nunca é agora, é sempre num momento seguinte.

Carrón: Por que a espera é a definição do instante que vivemos? A espera é a definição do instante que vivemos porque o nosso eu é estruturalmente espera de realização, e se formos verdadeiramente nós mesmos temos que reconhecer que, seja lá qual for o instante que vivemos, temos esta espera. Vimos isto no primeiro capítulo de *O senso religioso*, onde Dom Giussani nos fala da experiência elementar: ele se refere àquelas exigências e evidências originais (de beleza, de plenitude, de felicidade, de realização) que constituem o tecido do nosso eu. Por isto, estamos sempre em espera da nossa realização. Santo Agostinho o resume com uma frase conhecida por todos: “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração fica inquieto [está em espera] enquanto não repousa em Ti”⁴². Por isso, sem Aquele que realiza, o instante é tão insuportável que nós fugimos. Para onde fugimos? Comumente fugimos do presente na distração. Pelo contrário, se você está diante do rosto do seu namorado e está toda propensa a ele, vai sentir necessidade de fugir? E, ao mesmo tempo, vive ou não uma espera? Para nós, estas duas coisas são incompatíveis; mas se não existisse esta tensão, significaria que a pessoa que está diante de você não lhe interessa. Está claro? Quando você está diante de uma pessoa, quanto

42 Santo Agostinho. *Confissões*, I, 1.

mais você fizer a experiência que lhe agrada, tanto mais estará esperando outra coisa, ou seja, a espera é sempre a experiência do instante. Por isso, sem estar propensos a este Tu, o instante seria mesmo insuportável, e, por isso, o tecido do nosso ser homens está todo – como nos diz Dom Giussani – nesta espera; somos feitos exatamente desta promessa, desta espera. Somente se eu reconheço esta espera diante deste Tu, é que posso não fugir no passado ou no futuro, posso estar no meu quarto, presente a mim mesmo, posso evitar aquilo que dizia o personagem já citado de Graham Green: “Para mim, o presente nunca é agora”⁴³ (uma das experiências mais terríveis que podem acontecer na vida, que faz emergir o fato que alguém nunca coincide consigo mesmo, não pode nunca estar até o fundo consigo mesmo). Entende por que as pessoas ficam doidas? Porque não coincidem nunca consigo mesmas, estão sempre agitadas, é como se nunca vivessem um instante de verdadeiro repouso diante de um Tu. Nem mesmo quando a pessoa para, nem mesmo quando a pessoa não faz nada, consegue repousar realmente: perguntem-se quantas vezes vocês tiveram um instante de verdadeiro repouso, não fingido. Porque este repouso é o objetivo da espera, no qual a espera não é cancelada, mas é toda escancarada diante de um Tu que não possui; e quanto mais este repouso acontece diante de um Tu, tanto mais estará aberto a algo que não possui ainda, de forma que fica sempre na espera, dramaticamente. Mas, para nós, o repouso e a espera estão quase que em contradição e, por isso, desejamos algo que nos tire a sede, que nos tire a espera; assim, depois de um instante, estamos desiludidos novamente. Obrigado!

Colocação: Estudo Arquitetura em Milão. Hoje, você falou do maravilhamento. No filme, o fotógrafo reconhece que toda a realidade é dada, mas não chega a dizer por Quem. Se eu penso nos meus companheiros de curso, me dou conta de que eles também se maravilham e vão até o fundo das coisas, captando, às vezes, aspectos dos quais eu não me dou conta, mas não sentem a necessidade do reconhecimento de um significado último. Então, por que, não obstante este maravilhamento, existe a necessidade do reconhecimento do sentido último da realidade?

43 G. Greene, *Fim de Caso*, op. cit.

Carrón: Por que convém reconhecê-lo, segundo você? Por que é que você, pelo contrário, não se contenta, como fazem os seus companheiros?

Colocação: Porque em mim o maravilhamento, um pouco depois, cai, ou seja, não me maravilho mais de nada.

Carrón: E por que deveria se maravilhar? Vocês devem, algumas vezes, ter a coragem de percorrer o caminho até o fim da pergunta de vocês, para ver aonde ela os leva. Se vocês não conseguem entender qual é a razão pela qual vale a pena realizar o percurso, em vez de parar como fazem tantos de seus companheiros, o que estamos fazendo aqui? Por que não vamos para a praia? Digo isto para nos ajudar a entender: sem as razões, seríamos tolos de gastar dinheiro, energia e tempo por nada. Por que é conveniente estar aqui aprendendo como não ficar na aparência? Por que vale a pena nos empenharmos em fazer Escola de Comunidade ou participar de uma experiência como a nossa, se a maioria dos nossos companheiros vive melhor do que nós? Mas, é verdade que vivem melhor do que nós, se ficam na aparência? Cada um deve se comparar. Se uma pessoa não encontra a razoabilidade na experiência que faz, por que deveria fazer o que faz? Temos que nos fazer estas perguntas. Nós não paramos na aparência, como o fotógrafo desta manhã, ou como tantos de nossos companheiros, por causa da urgência que sentimos diante da aparência. Olhe para a sua experiência: se lhe mandam um presente que o enche de curiosidade, não é verdade que lhe surge a pergunta “mas, quem me quer tão bem assim?”? Esta pergunta, o desejar entender quem o mandou para você, é uma urgência que você tem, ou não? Por que você não se contenta? Se já lhe mandaram um presente, por que é que você precisa complicar a vida? Porque o presente, sem o reconhecimento de quem o enviou para você, perde em importância. Ou não?

Pensemos, por exemplo, nos cartões de Natal. Às vezes, as grandes empresas mandam cartões espetaculares para nos desejar boas festas, porque têm dinheiro e podem fazer assim. Fotografias bonitas, estupendas, com papel de luxo. O seu amigo, pelo contrário, manda um cartão muito modesto para você. Você está ali, diante daquele grande e bonito e daquele modesto do amigo: qual dos dois você prefere?

Colocação: O do amigo.

Carrón: Por quê? Porque o outro é vazio. O pequeno e modesto é, pelo

contrário, cheio de significado. O primeiro parece muito mais, mas apenas aparentemente, para um olhar absolutamente superficial, para um olhar que não é humano até o fundo, que não é verdadeiro. Mas, você acha que pode haver alguém no mundo que preferiria um ao outro? Ninguém, verdadeiramente humano, se contentaria com o primeiro, mesmo que aparentemente mais bonito, porque é vazio, não tem nada dentro, não tem um “quem” por trás. O “quem” é apenas um “acrécimo” insignificante. Quando falta o “quem”, nem mesmo a realidade que parece particularmente atraente nos interessa. Para nós, a realidade interessa pelo Quem, sem o qual nada tem espessura.

Acontece assim: vamos atrás da aparência, que depois nos deixa vazios (porque por trás não tem ninguém). E quando nos interessa aquilo que é mais modesto, simples, pobre, menos vistoso, acreditamos estar vivendo uma grande mortificação ou que temos que acrescentar algo. Mas, as coisas não se mantêm assim. Não somos tolos, exatamente porque sabemos distinguir a aparência e aquilo que é vazio daquilo que tem uma densidade, uma profundidade, um significado.

O que impressiona diante destes exemplos banais, que cada um de nós poderia fazer (eu os faço para mim – como sempre lhes digo –, para entender mais), é que aquilo que torna interessante a realidade não é o que aparece, como vimos neste caso, mas é o Quem, é o Mistério que o traz, é o que está por trás. Sem isto, no tempo, não nos interessa mais nada. Nós, por meio destes exemplos, nos damos conta de qual é a modalidade com a qual nos agradaria reagir diante de tudo o que acontece; mas depois, quando reconhecemos que esta é a modalidade mais verdadeira de se viver o real, pensamos que estamos fazendo algo de estranho, de complicado, apenas para os especialistas ou para as pessoas com parafusos a menos. Estamos, desta forma, tão distantes da experiência elementar, que não nos damos nem conta daquilo que vivemos, e achamos que uma modalidade (a de parar na aparência) seja mais verdadeira que a outra, até quando não a olhamos um instante que seja no rosto e, por meio de alguns exemplos banais, começamos a nos dar conta de que é exatamente o contrário. Sem o Quem, a realidade não é interessante, nem mesmo a mais bonita. Por quê? Porque fomos feitos – como diz Santo Agostinho – para Ele, para aquele Quem de que toda a realidade é feita. Obrigado!

Colocação: Não acredito que a realidade seja ontologicamente positiva sem acrescentar nada; é somente numa experiência que posso dizer “isto que parecia feio é positivo”, mas não antes, não *a priori*.

Carrón: Por que está fazendo esta contraposição entre ontologia e conhecimento? Onde é que você conhece a realidade? Você conhece a realidade numa experiência. Onde é que você conhece a ontologia do amor? Estudando os livros ou quando você é amada? É numa experiência que você entende o que é amor, entende o que é o bem; ou seja, o entende quando está diante de algo que a atrai tanto que você é obrigada a reconhecer este impor-se do bem – como dizia Lévinas⁴⁴. O que é a beleza? Quando é que você reconhece que algo é belo? Quando faz experiência do belo. Você é introduzida à realidade na experiência. Por isso, Dom Giussani disse uma das frases que vocês devem aprender de cor – não apenas para repeti-la continuamente, mas para surpreender o seu significado na realidade: “A experiência é o fenômeno no qual a realidade se torna transparente”⁴⁵, a realidade se faz transparente na experiência, ou seja, a ontologia da realidade, a natureza da realidade se faz transparente na experiência. Esta é a genialidade de que o Mistério se valeu para nos fazer entender o que é a realidade. Não precisamos ir para a universidade para entender isto (tantos milhões de pessoas, durante séculos, não puderam frequentar a universidade, mas sabiam o que era o amor). O Mistério inventou um método para fazer com que todos entendessem, de modo simples, como as coisas se mantêm e do que nós somos feitos. Entendemos através deste caminho simples, que se chama experiência. O Mistério, para nos ajudar a entender o que é o amor, em vez de nos dar um curso sobre o amor, nos faz fazer experiência do amor.

Esta é a grande mudança metodológica, que temos dificuldade para entender, introduzida por Dom Giussani no primeiro capítulo de *O senso religioso*, uma mudança metodológica que ele realiza quanto àquilo que quer explicar, ou seja, o senso religioso. Se uma pessoa quisesse saber o que é o senso religioso, diz Giussani, o que faria imediatamente? Procuraria um livro que fale sobre religião ou sobre senso religioso, navegaria na internet, folhearia uma enciclopédia. Procuraria imediatamente algo que

44 Veja nota 19, p. 13.

45 L. Giussani, *Realidade e Juventude. O Desafio*, op. cit., p. 125.

desse informações. Mas, qual é o problema deste método? Uma vez que você lê um livro que fala do senso religioso, qual problema permanece? Que você deve poder julgar se aquilo que lhe disse é verdadeiro ou não. E como é que pode julgá-lo? Você não terá esta capacidade sem um método, e então vai precisar “acreditar” naquilo que lhe disseram os outros e repetir. Dom Giussani entrou na escola dizendo exatamente o contrário: “Eu venho aqui e, desde o princípio, coloco as cartas na mesa e digo a vocês: desejo ensinar-lhes um método através do qual vocês podem entender a verdade ou não daquilo que eu mesmo lhes direi”. Não quer nos convencer, mas quer nos dar o método para nos darmos conta. Qual é este método? Como disse no primeiro capítulo, “a experiência”. Se você quer entender o que é o senso religioso, em vez de ir procurar o que Aristóteles, Platão ou Santo Agostinho têm a dizer, você tem a experiência como ponto de partida. Ou seja, para fazer com que você entenda qual é a ontologia, qual é a natureza do senso religioso, em vez de remeter você para algum outro lugar, o remete à sua experiência. É como se lhe dissesse: “Observe-se na sua experiência, porque é apenas ali que poderá entender qual é a natureza do senso religioso, qual é a ontologia do senso religioso!”. Este é o método que sugere para conhecer qualquer objeto da realidade. Mas, exatamente porque nós, nisto, não seguimos Dom Giussani, estamos sempre na lama, incertos, repetimos as frases dos outros, que nunca se tornam nossas, sem entendê-las, de forma que basta um sopro para que tudo desapareça, sempre começamos do zero outra vez. Se vocês querem permanecer assim, constantemente na lama, basta continuar da forma como já estão; mas não são obrigados a ficar assim, existe uma possibilidade diferente, a mesma que torna o Movimento entusiasmante. Desde o início, como sempre disse, o Movimento me entusiasmou porque colocava nas minhas mãos um instrumento para entender, não desligado da experiência, pelo contrário, é a experiência mesma o único instrumento. Eu posso dizer “isto não, isto sim” quando faço experiência, não antes disso: “A realidade se faz transparente na experiência mesma”. Por isso, quando dizemos, às vezes, que é difícil, é porque invertemos os termos do método de Dom Giussani. Se uma pessoa deve explicar a outra o que é o amor, será que terá necessidade de que haja um certo desenvolvimento da inteligência, para que se entenda? As crianças precisam de um certo desenvolvimento para entender quando

são amadas ou quando não são amadas? Ou podem simplesmente entender? São bobas ou entendem? Às vezes, as tratamos como bobas, mas entendem muito melhor do que nós, tanto é verdade que, exatamente porque entendem, às vezes ficam marcadas por uma experiência negativa ou, pelo contrário, por uma experiência positiva. Certo, se mudamos o método, então sim, precisaremos de não sei qual desenvolvimento intelectual... Mas, para entender o que significa ser amado não é preciso nada de estranho. Para entender a beleza das montanhas será preciso alguma particularidade? É apenas necessário deixar-se tocar pelo real.

Colocação: Estudo Enfermagem em Monza. Desde a morte de meu irmão, me dei conta do quanto a realidade é, em última instância, positiva: o bem que os meus pais querem para mim, o crescimento dos relacionamentos com os irmãos e os amigos, que continuamente me desafiam a verificar este juízo nos meus dias. Eu, porém, sou obrigado a dizer que percebo a morte de Matteo como uma desgraça e, de muito bom grado, eu trocaria o bem de minha mãe, os relacionamentos que tenho com os amigos, para ter ainda comigo o meu irmão. Assim, me parece que todos os juízos e as coisas que nascem da morte de Matteo, de Bizzo, da crise, sejam apenas tristes consolos. Não entendo como a realidade possa ser inexoravelmente positiva; inexorável no sentido de que não nos deixe escapar, e eu, ao invés, fujo; e não entendo como esta positividade possa prevalecer sobre o fato de que aquilo que nos acontece, a partir da morte do meu irmão e de Bizzo, não seja uma desgraça.

Carrón: Veem o que significa o desafio que a realidade coloca? Não procuramos consolações quando acontecem estes fatos pesados; mas mesmo se não acontecessem estes fatos, a realidade, pelo que estamos dizendo, pelo que você nos disse, por aquilo que você vê e toca, é positiva ou não? Este é o desafio que a realidade coloca diante de você agora, como diante do guarda nazista. E este desafio, você o acolhe para consolá-lo ou para que você reconheça algo que existe? Se fosse uma criação sua para o consolar, seria um triste consolo; seria coisa de gente idiota gerar um consolo que não consegue consolar. Um consolo que não nasce de um fato real, de verdade, não consola, é inútil. A questão é se inventamos para nós mesmos uma consolação que não nos consola ou se a realidade,

como dissemos antes, pelo fato mesmo de existir, grita que há um Outro que a faz agora: portanto, a realidade é positiva. Dizemos que a realidade é positiva não para nos consolar – não seria um consolo, como eu dizia –, mas o dizemos por um maravilhamento. A esta pergunta quem responde é Dom Giussani no capítulo décimo de *O senso religioso*: “A religião nasce do medo ou do maravilhamento?”; e afirma: “O medo vem sempre num segundo momento. Você tem medo de perder alguma coisa porque a tem”. Por isso, identificar o medo como origem da religião é falso. O verdadeiro desafio para quem quer que seja é a presença do real, o maravilhamento que ele desperta em nós, a atração com a qual nos atrai. É exatamente porque tantas vezes somos desleais, como dizia esta manhã, que não conseguimos reconhecer isto, e quando acontece uma coisa pesadosa pensamos que é preciso inventar uma consolação para nós mesmos.

Você deve prestar contas com a realidade assim como ela lhe aparece, porque somente isto será capaz de responder à morte do seu irmão. O Senhor permite que estes fatos aconteçam para que compreendamos que o desígnio não é nosso, é de um Outro, e, para nós, tantas vezes é misterioso. Mas, é exatamente neste ponto que somos mais desafiados e que podemos verificar como vivemos verdadeiramente o real; se quando acontecem estes eventos permanecemos sem um ponto de apoio, de fato, significa que fomos colocados em crise por uma modalidade de viver o relacionamento com o real que não é verdadeira. E esta é a oportunidade positiva para nos fazer, finalmente, a pergunta: “Mas, quando eu penso que a realidade é positiva, é apenas para obter um triste consolo ou é a consequência do maravilhamento diante do real, que me remete a um Outro?”. Esta é a pergunta que você também deve fazer: vamos ficar esperando a sua resposta!

Colocação: Estudo na Faculdade de Medicina de Torino. Não obstante eu ter entendido, do seu discurso, como é possível reconhecer que a realidade é positiva e como, pelo uso da razão, seja possível chegar a Deus, se eu não tiver uma prova tangível na minha vida, não posso crer. Vejo-me, por exemplo, numa frase de Singleton, o maior estudioso de Dante, que, se referindo ao grande poeta, escreveu: “Compreendi perfeitamente aquilo que Dante viveu, mas nunca me aconteceu a mesma coisa”.

Carrón: Você acredita que sua mãe lhe queira bem?

Colocação: Estou certo disto.

Carrón: Sério? E pode me dar uma prova tangível?

Colocação: Não.

Carrón: Como é que você pode estar certo sem ter uma prova tangível?

Colocação: Eu o sinto.

Carrón: Então, não é possível estar certo disto: você apenas o sente; isto não é um juízo, mas apenas um sentimento. Veem a fratura? “Eu o sinto”. Esta é a nossa certeza máxima: “Eu o sinto”. Se amanhã não o sentir, a sua certeza desabarà... Veem em que lama nos encontramos? Reduzimos a nossa certeza a “eu o sinto”.

Mas, mesmo se você não sentisse que a sua mãe lhe quer bem e se perguntasse “mas, será que me quer bem?”, poderia responder de modo razoável a uma pessoa que lhe dissesse: “O sentimento não é a prova que a mãe lhe quer bem”, poderia dar-lhe algum sinal que torna certo para você que sua mãe lhe quer bem, ou não?

Colocação: Sim.

Carrón: Por exemplo?

Colocação: O comportamento de minha mãe...

Carrón: O que é o comportamento de sua mãe? Estou pedindo a você provas tangíveis...

Colocação: O fato que, muito frequentemente, coloque os meus interesses na frente dos seus.

Carrón: Por que é que você fica seguro de que ela lhe quer bem e não que tenha, muito mais, a preocupação de que, quando se torne velha, você se preocupe com ela? Onde está a prova tangível? Basta a você esta resposta como explicação daquilo que sua mãe faz? Basta uma objeção e você cai por terra: esta é a certeza de vocês. Mas, para você, basta esta explicação daquilo que sua mãe faz para você?

Colocação: Não.

Carrón: Veem? Como não estamos certos, desabamos na primeira objeção. Mas, você pode reduzir aquilo que sua mãe faz a um interesse egoísta, ou seja, que você cuide dela quando envelhecer?

Colocação: Não.

Carrón: Então, esta não é uma razão exaurível que dê explicações de tudo aquilo que sua mãe faz para você. É verdade ou não?

Colocação: É verdade.

Carrón: Você, na realidade, tem uma quantidade sem fim de sinais, não uma prova tangível no sentido que pergunta, mas uma avalanche de sinais pelos quais pode estar seguro, certo, de que sua mãe lhe quer bem. Verdade?

Colocação: Sim.

Carrón: E se você não acreditasse que sua mãe lhe quer bem, você seria um doido. Esta é a sua certeza: você não se dá conta do que lhe torna certo, mas tem, na experiência, esta certeza. E como você não se dá conta, pede uma prova tangível para acreditar. O Mistério lhe dá tantos sinais, da mesma forma que sua mãe lhe dá, mas você não se dá conta. Agora, tente reconhecer se existe algum sinal do fato que o Mistério existe e lhe quer bem, e depois me diga se ainda precisa de “provas” para crer.

Colocação: Obrigado.

Colocação: Estudo Engenharia em Bolonha. Como posso afirmar na minha vida, sem fingimentos, a positividade da realidade, mesmo fazendo experiência do meu pecado, do pecado dos outros e da existência do mal?

Carrón: Você tem namorado?

Colocação: Não.

Carrón: Tem mãe? Usemos um exemplo que nasce de uma experiência real. Você sempre se comporta bem com sua mãe? Você a trata bem?

Colocação: Não.

Carrón: E a sua mãe não é um bem para você, e você não é que pode afirmar a positividade da realidade diante de sua mãe, mesmo quando você se comporta mal? É possível que você afirme a positividade da realidade, mesmo quando o mal existe, diante de sua mãe?

Colocação: Diante de minha mãe, sim, porque estou certa de que ela me quer bem.

Carrón: Exato. Mas, às vezes, você não a trata bem ou ela não lhe trata bem; o pecado existe, ou você e sua mãe são sem pecados?

Colocação: Não.

Carrón: Isto não impede nem a você de reconhecer o bem que a sua mãe é, nem à sua mãe de reconhecer o bem que você é para ela. O mal que você faz à sua mãe e o mal que a sua mãe faz para você (sendo todos

pobres pecadores), não impede a nenhuma das duas de reconhecer a positividade do fato que você é um bem para a sua mãe e que sua mãe é um bem para você.

Se isto pode acontecer entre nós, imagine o que acontece com o Mistério. Jesus disse: “Se vós, que sois maus, sois capazes de dar boas coisas para os vossos filhos, imaginai o Pai do Céu, que é bom, como é capaz de tratar bem a todos”⁴⁶. Nenhum mal deste mundo pode cancelar o bem que sua mãe é para você. Não obstante todo o mal que existe no mundo, ninguém pode cancelar o bem que a sua mãe é, a positividade do real que é a sua mãe, e isto é verdadeiramente perturbador. Se nós, que somos tão pobrezinhos, podemos reconhecer esta positividade em outros pobrezinhos como nós, por exemplo, sua mãe, imagine quando, no Antigo Testamento, Deus diz: “Mesmo que tua mãe te abandonasse, eu jamais me esqueceria de ti!”⁴⁷. O profeta dirige estas palavras a homens como nós, que fazemos o mal, mas é como se todo o mal não pudesse mover, nem mesmo um milímetro, de todo o bem, todo o amor, toda a paixão que Deus, o Mistério que faz a realidade, tem por cada um de nós.

Como acontece, às vezes, em alguns pais. Imagine uma mãe que tem um filho que se droga e que a faz sofrer muito. Você acha que existe algo que seja capaz de dissuadir esta mãe do querer bem ao seu filho? Não, nem mesmo aquele drama pode impedir à mãe de reconhecer o bem do filho e ao filho de reconhecer o bem da mãe. Se isto acontece entre nós, que somos tão pobrezinhos, imagine o olhar do Mistério, que faz toda a realidade, e que, mesmo se você faz o mal, continua a afirmar de forma tão potente a sua vida a ponto de não eliminar você da face da terra. Temos que pensar nisso; mas, às vezes, o mal nos define tanto que não conseguimos ver para além dele. Ao invés, há um fato mais evidente do que o mal que você faz: um Outro, apesar do seu mal, continua a lhe dar a vida agora. E esta positividade não pode ser eliminada nem mesmo pelo mal que você fez. Por que lhe digo isto? Porque, quando eu fazia a experiência do meu mal, eu ficava tão incomodado comigo mesmo que pensava: “Mas, onde posso encontrar algo de mais evidente do que o meu mal?”. Digo-o, agora, a você, porque é o que eu disse tantas vezes a mim mesmo e que me permitia continuar a

⁴⁶ Cf. Mt 7,11; Lc 11,13.

⁴⁷ Cf. Is 49,15.

olhar para mim mesmo. Não tinha que imaginar o que Deus pensava: bastava reconhecer o fato que continuava a me dar a vida, a afirmar a minha vida; Ele tinha um olhar sobre mim que eu não conseguia ter. Pense que, se somos batizados, Cristo, no batismo, nos agarrou tão potentemente que nos disse: “Tu és meu para sempre. Podes fazer o que fazes, mas tu, com o teu mal, não conseguirás dissuadir-me nem por um milímetro do quanto te quero bem”. Esta é a positividade que nenhum mal deste mundo pode eliminar. Às vezes, nós a descobrimos exatamente diante do mal, de outra forma nem pensaríamos nisso, de forma que Jesus disse: “A quem muito foi perdoado, muito se ama”⁴⁸. Quem foi muito perdoado entende o que quer dizer este amor, esta positividade última do olhar de Cristo; quem não experimenta o perdão, não se dá conta disso.

Colocação: Estudo Engenharia em Reggio Calabria. Diante dos fatos contados nestes dias (o garoto com a doença degenerativa, a morte de Giovanni e o vídeo a que assistimos esta manhã), surgiu em mim uma espécie de rebelião. Eu me perguntava: por que, na minha vida, prevalecem os fatos negativos na geração da pergunta de sentido, do desejo de descobrir este Mistério em ação e de tudo aquilo que nós é dado? Você dizia ontem que a espera é o valor, a importância do acontecimento que estamos vivendo neste momento. Eu me dou conta de que, se esta pergunta, esta espera, é despertada somente quando me acontece algo de feio, significa que, quando me acontece algo de bonito, não lhe estou reconhecendo o mesmo valor.

Carrón: Muito bem!

Colocação: Eu quero que tudo aquilo que me acontece não seja perdido e desejo entender o seu sentido em ambos os casos, tanto quando é bonito, ou quando é feio. Mas, por que é mais fácil que surja a pergunta diante de algo de negativo que me acontece?

Carrón: Não é mais fácil, é fácil também diante do belo que maravilha você. João e André não tiveram que esperar que acontecesse algo de feio para se maravilharem diante de Jesus; tiremos da cabeça a ideia de que a única possibilidade para entender é que aconteçam coisas feias. O Mistério

48 Cf. Lc 7,47.

nos introduz originariamente ao real na sua totalidade por meio da verdade, da beleza das coisas; mas infelizmente nós, por esta falta de empenho com o real total (que documentávamos esta manhã), por esta falta de educação e por esta deslealdade no seguimento da repercussão do ser até o Quem, nos reduzimos a ter que esperar os fatos feios para sermos despertados. Mas, o início não foi assim, Deus não fez as coisas feias, mas colocou o homem num jardim, numa familiaridade com Ele (como diz o Gênesis) e passeava com o homem à tarde. Esta foi a familiaridade com a qual o Mistério nos fez, e no entanto não entendemos. Como o filho pródigo: o pai não lhe deu um pontapé, mandando-o embora de casa, mas gerou uma casa para ele, que o filho não reconheceu. Então, pensou que devia fazer o que lhe passava pela cabeça, acreditando que viveria mais intensamente a vida, mas o que lhe aconteceu? Quando se deu conta? Infelizmente, quando estava com os porcos. Mas, aconteceu assim por vontade de Deus ou por causa da nossa estupidez? O fato é que Deus pode usar até mesmo a nossa teimosia para nos fazer entender; e nós O repreendemos também por isto? Não significa que Deus faz com que nos aconteçam situações negativas para nos fazer entender, mas tantas vezes somos nós que acabamos assim, e então entendemos. Quanto tempo é preciso que passe, quanta bobagem ainda temos que fazer para entender? Mas, isto é um problema nosso, não é o desígnio de Deus. O amor de Deus por nós é tão estrondoso que pode se valer mesmo disto para nos lembrar que temos uma casa, que temos um pai, como ocorreu com o filho pródigo. Por isso, como lemos em tantos testemunhos, acontece que a pessoa fique grata: não pela doença, não pelo evento pesaroso, mas por ter entendido. Outra pessoa, pelo contrário, pode ficar em casa como o filho mais velho e não entender, não porque o pai o tenha tratado mal (está ali, em casa), mas porque é ele que não entende. O problema aqui é exatamente o entender, é se dar conta verdadeiramente do que vale a pena. Esperamos não ter que acabar, também nós, com os porcos, para chegar a entender...

Colocação: Obrigado.

Colocação: Estudo Direito na Universidade Católica. Esta manhã, você dizia que o maravilhamento inicial é um juízo que se torna imediatamente uma ligação não sentimental, mas sustentada pela razão. Quanto ao episódio que você citava de João e André, eu também, como ímpeto, nun-

ca teria abandonado; o fato é que, frequentemente, acontece aquilo que você descreveu e me parece que, do juízo, se escorregue para uma ligação sentimental. Não entendo onde pode estar a lacuna.

Carrón: Simplesmente, se um juízo é verdadeiro, não pode ser reduzido a um quê de sentimental, porque é um juízo de estima sobre o outro que me faz me ligar. Você não se liga a algo que julgue ser uma estupidez.

Colocação: Exato.

Carrón: Na ligação sempre há um juízo, e se vocês começarem a partir da experiência, como dizíamos antes, entenderão mais facilmente. A que você se liga? A algo que julga digno de valor.

Colocação: Sim. O problema é que, depois, perde o valor...

Carrón: Não, o problema é que, depois, você deve redescobri-lo constantemente. E como o descobre de novo? Ligando-se. Ou seja, se você o percebeu, pelo fato que amanhã não o sinta mais, perde o valor ou este valor que você reconheceu ontem permanece? A questão é que nós, se isto não se torna uma ligação, pensamos que não tenha havido um juízo de reconhecimento, porque esperamos que isto deva ser automático, sem ter que decidir, amanhã, outra vez. Mas, você gostaria de dizer ainda uma vez à sua namorada “lhe quero bem”, sem ser apenas obrigado pela biologia? Olhando-a, você deve reconhecer o que significa verdadeiramente para você, sem reduzi-la ao seu estado de espírito, deve reconhecê-la e tratá-la pelo seu destino, por aquilo que – no fundo, no fundo – é, não apenas pela repercussão sentimental que provoca em você. Isto é fruto de uma educação, mas o que significa uma educação? Aprender a querer bem a alguém. Neste caso, se você quer bem à sua namorada, lhe agradaria tratá-la sempre pelo valor que tem, lhe agradaria reconhecer isto sempre mais, reconhecer sempre mais toda a estima que tem por ela?

Colocação: Claro!

Carrón: Isto se revelou já no primeiro momento, mas o fato que se torne familiar no relacionamento com ela se dá num caminho. Às vezes, pensamos que deva ser automático e que, uma vez que o tenhamos reconhecido, já se tenha tornado familiar. Mas não é assim, tantas vezes você prefere a si mesmo mais do que a ela, ou prefere mais os seus interesses do que querer bem a ela, ou a trata segundo a sua instintividade, perdendo de vista o valor que reconheceu: é necessário um caminho. Fiquei tão mara-

vilhado, uma vez, com um padre amigo meu que me contou que, para explicar a uma pessoa o que é o relacionamento verdadeiro com a realidade, sobretudo com a namorada, ele dizia: “Mas você, da primeira vez, ficou tão maravilhado com a namorada que nem a tocou. Você gostaria de ter esta intensidade sempre?”. Este é o relacionamento verdadeiro com a realidade, de forma que depois, todas as vezes que a tratou instintivamente, nunca lhe deu um instante daquela plenitude do primeiro dia. É verdade ou não?

Colocação: É verdade!

Carrón: Não é, então, por uma espécie de mortificação que a poderá tratar assim, mas por um maravilhamento, que lhe dá uma plenitude nunca experimentada, aliás, é esta a plenitude (no instante no qual ainda nem de leve a tocou), que nenhuma outra coisa é capaz de dar.

Entende qual é o fascínio da virgindade? A virgindade é este modo verdadeiro de tratar o outro, e diz respeito a todos: Deus chama à virgindade por causa daquela experiência de plenitude que Cristo introduz na vida, pela qual eu posso tratar o outro com uma gratuidade que é como o primeiro alvorecer experimentado tratando a namorada de modo assim verdadeiro (e que, para alguns, chamados à virgindade, se torna vocação). Isto não significa que a afeição seja sacrificada, mas é a escolha da realização da afeição, numa modalidade da qual a outra é apenas um pálido reflexo. Esta modalidade de relacionamento do início pode se tornar a modalidade com a qual sempre tratar a namorada: pergunte a ela se lhe agradaria ser tratada sempre assim; estou seguro da resposta.

Colocação: Frequento o primeiro ano de Psicologia na Universidade Católica. Você falou de positividade do real e, diante da pergunta sobre como é possível não cair num beco sem saída outra vez, você dizia que “somente o divino salva o humano”. De um lado, fiquei contente com o fato de que exista Alguém maior e que pode me salvar; de outro lado, me pergunto qual pode ser, agora, a minha missão.

Carrón: A sua missão nasce exatamente deste ser salva. Tantas vezes voltamos sobre as mesmas perguntas. Se é graça, se fui salva, então qual é a minha missão? Parece que eu não devo fazer nada. Mas você, se pensa na sua experiência normal, pode responder por si mesma a todo o seu desejo de ser amada? Precisa de um outro. Quando encontra alguém que lhe

salva, qual é a sua missão? Deixar-se salvar, deixar-se abraçar. E isto atesta o que em você? Quando faz verdadeiramente a experiência de ser querida bem, introduz-se em você uma modalidade de estar no real que é a maior missão que você pode realizar na vida: testemunhar o que pode ser a vida quando a pessoa se deixa salvar. Do que os homens mais precisam? De ver uma pessoa que se deixou tomar por Cristo e que, desta forma, testemunha o que é a vida quando nos deixamos tocar, abraçar e amar por Ele.

Há pouco, um amigo, doente, me perguntava quanto a todos os projetos que tem em mente: “E agora, como é que posso levá-los adiante com a minha doença?”. E eu lhe dizia: “O que é que você tem de mais interessante para dizer e para fazer na vida do que o seu ‘sim’? Você tem em mente algum projeto mais interessante do que o seu ‘sim’ a Cristo, por meio da modalidade com a qual Ele lhe chama? Pense em Nossa Senhora. Nunca lhe aconteceu uma doença, mas ela poderia ter escolhido, poderia ter imaginado um outro projeto, uma outra missão mais decisiva para a vida do mundo, mais incidente sobre a história do que o seu ‘sim’? Ninguém foi salvo como ela. Nós a celebramos no dia da Imaculada Conceição: ninguém foi salvo antes do próprio mal, ninguém foi libertado do mal antecipadamente, em previsão de Cristo. Qual foi a sua missão? O seu ‘sim’. E com este ‘sim’ deu ao mundo aquilo pelo que todos podemos agradecer a ela por toda a vida e pela eternidade, porque sem aquele ‘sim’ Cristo não teria existido; e, sem Cristo, o que significaria a vida? Você consegue imaginar uma outra missão maior do que aquela de Nossa Senhora, exatamente porque foi salva?”. Então, qual é a sua missão? Testemunhar a todos, gritar a todos o que é a vida, o que pode significar a vida, que intensidade pode adquirir a vida, se a pessoa se deixa abraçar por Ele, salvar por Ele. Não existe afirmação maior, um testemunho maior da positividade do real do que ver uma pessoa florescer, porque é como dizer: olhem, nem mesmo todo o mal, nem mesmo todo o desastre, nem mesmo toda a crise, nem mesmo tudo isto é capaz de impedir a um homem de florescer; não há um testemunho maior do que desafiar a todos, pessimistas ou não, niilistas ou não, dizendo a todos com a própria vida: “Olhe, olhe como a realidade é positiva!”. Você pode imaginar uma missão maior para o mundo? Se puder imaginar algo, persiga isto! De outra forma, me parece que você já a tenha clara e que, portanto, tem coisas a fazer.

TESTEMUNHO | JOHN WATERS

10 de dezembro, noite

Julián Carrón: Estou contente de poder apresentar a vocês um amigo da Irlanda, John Waters, jornalista e escritor. Se tem algo que se possa dizer dele, vendo o percurso que fez, é exatamente aquilo que acabamos de cantar: “É bela a estrada para quem caminha”⁴⁹, porque vendo-o caminhar, vendo-o deixar-se tocar pelo real, a cada vez que o encontro me surpreendo; está sempre no afã de buscar a palavra justa, de descobrir; está sempre inquieto, no sentido belo do termo, quer entender sempre mais. Por isso, eu o sinto verdadeiramente como companheiro e, por isso, quero apresentá-lo a vocês, desejo que também vocês possam conhecê-lo, porque tem uma experiência para contar, fez um caminho, do qual tantos podemos aprender de verdade. Agradeço a ele por ter aceito estar aqui conosco esta noite. Se algo foi decisivo para ele é aquilo sobre o que estamos falando desde a Jornada de Início de Ano, aquilo que mais o marcou foi exatamente o décimo capítulo de *O senso religioso*. Agora, espero que ele o explique para nós, porque será outra coisa ouvir dele. Obrigado, John!

John Waters: Obrigado. Antes de mais nada, queria agradecer a vocês por hoje, obrigado Àquele que faz tudo e a cada um de vocês; gostaria de agradecer-lhes pela presença de vocês, no sentido último do termo. Eu estava na primeira fila, hoje, várias vezes olhando o telão, olhando os slides, escutando a música; antes, a sala estava vazia e, depois, se encheu, mas tudo aconteceu em silêncio, e fiquei realmente comovido. É sempre uma ocasião excepcional para mim vir a um evento de Comunhão e Libertação. Hoje, experimento algo especial, porque percebo uma intensidade de silêncio, de escuta, uma atenção a tudo, que me comove de uma maneira profunda, e me pergunto: o que lhes posso dar? Não tanto para lhes restituir algo; mas de que maneira posso esperar ter um relacionamento assim com vocês esta noite? Pensava, hoje à tarde: se pudesse voltar atrás trinta

49 C. Chieffo, “La strada”. *Canti*. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2007, p. 245.

e cinco anos, se fosse um de vocês enquanto alguém fala diante de mim sobre si, da própria experiência de vida, alguma coisa mudaria na minha vida? Aquilo que eu pudesse escutar da pessoa diante de mim, mudaria o meu caminho, a minha estrada? De certa maneira, não acredito nisso, porque não penso que as palavras, por si mesmas, possam trazer uma mudança do gênero. Podemos comunicar apenas comparando-nos. Quando conto a vocês a minha experiência, penso que aquilo que acontece é que, iluminando-se dentro de mim, compreendendo-a melhor, algo de novo da minha experiência possa chegar a vocês. As palavras são apenas a energia da comunicação, mas não são a comunicação em si.

Fico tocado com o tema, “A inexorável positividade do real”; esta palavra – “positividade” – foi escutada por nós tantas vezes, mesmo do Papa nos últimos tempos, no *Bundestag*, e ouvimos falar do preconceito do positivismo; fico muito tocado que estas duas palavras sejam quase idênticas, num certo sentido, mas na realidade são opostas. Aquilo de que falamos, quando falamos da positividade do real, é de verdade o contrário, é o oposto do positivismo de que falam o Papa e Giussani. Penso que a minha luta com a realidade, a minha tentativa de compreender a realidade, esteja centrada exatamente nisto.

Conto para vocês um pouco da minha vida: cresci numa família católica, na Irlanda, e vivia uma experiência muito intensa, mais do que qualquer outra criança das décadas de 1960 e 1970. Agora, é fácil olhar para trás e pensar que algo faltava, mas, se fizesse assim, erraria, porque foi uma experiência verdadeiramente rica, a partir de tantos pontos de vista. Talvez, num certo sentido, era um pouco sentimental demais, ou mesmo moralista, mas ao mesmo tempo era verdadeiramente real, era um relacionamento verdadeiro e real com Cristo. Nunca duvidei da Sua existência, da Sua presença. Ele me acompanhou em cada momento como um irmão, como um pai, como um amigo, segurava a minha mão ao longo de toda a minha infância, sempre me falou e eu Lhe falava. Esta experiência que fiz era real, mas talvez faltasse algo, havia um bloqueio de algum tipo que me impediu de crescer, e quando cheguei à adolescência eu O deixei um pouco para trás. O primeiro sinal de que eu estava me tornando adulto foi exatamente o fato que me parecia natural e lógico deixar para trás tantas coisas da infância e da adolescência. Por tantos anos, eu pensei as-

sim, pensei que fosse coisa de criança. Um outro modo de descrever isto é que, num certo ponto, me dei conta do mundo como algo que era oposto à minha infância católica. Nos anos de 1970, na Irlanda, aquela que, antes, era uma cultura fechada, começou a se abrir, a olhar para fora de si, e tantas influências novas também chegaram: a música pop, o rock, a televisão, o futebol, as celebridades, tantas coisas que me seduziam como *teenager* e me ofereciam uma liberdade que eu nunca havia imaginado, e me parecia – agora, se olho para trás, posso descrevê-lo de modo detalhado, mas naqueles anos não – que existisse um conflito, algo de incompatível entre o meu relacionamento com Cristo e este mundo novo, esta liberdade; eu acreditava, de algum modo, que era preciso escolher entre os dois: deixar um para trás, para ficar com o outro. As duas coisas não podiam coexistir. E no entanto, não é que eu tenha renegado a Cristo, nunca virei as costas para o meu relacionamento, para a amizade com Ele, para a minha proximidade com Ele. Pelo menos, se aconteceu, não o fiz com o pensamento de estar fazendo algo de bom. Voltei-Lhe as costas, mas o fiz com um senso de culpa, me envergonhava por isto, mas ao mesmo tempo a sedução da liberdade era algo potente, me parecia que não existisse outra opção e me parecia estar empreendendo uma viagem que ia em direção ao mundo; não permanecia na realidade neste relacionamento infantil com Ele, esta viagem me parecia o único tipo de liberdade possível.

Agora, posso descrever esta experiência com algumas palavras, escrevi isto num livro: *Lapsed Agnostic*⁵⁰. Nele, segui uma linha para contar a minha experiência, sobretudo a do álcool. Foi uma experiência real para mim, mas é também uma metáfora da liberdade, porque todas as condições desta ideia de liberdade, que me seduziu, estavam presentes no relacionamento com o álcool. Quando cheguei aos vinte anos, eu era muito tímido, inibido, era incapaz de interagir com os outros, de conversar, de dançar... não conseguia; uma noite, entrei num *pub*, bebi uma cerveja e descobri que me mudou completamente: era como a parte que faltava de mim mesmo, como se, quando me entregaram a minha mãe, no hospital, tivessem se esquecido de lhe dar também a garrafa que teria tornado o “pacote” completo; quando bebi, de fato, me senti completo, realizado: podia conversar, dançar, fazer

50 J. Waters, *Lapsed Agnostic*: Da profugo a pellegrino. Gênova-Milão, Ed. Marietti, 2010.

todas as coisas que antes eram impossíveis para mim. Era como colocar gasolina na moto. E este foi o início de um senso de liberdade, de um novo senso de liberdade, que me parecia não ter custo e que fossem sem fim, algo que podia ir adiante mesmo durante a vida inteira, se servisse. Mas, a experiência foi diferente e descobri que não era assim.

Se escutamos como a cultura positivista descreve um tipo como eu, como descreve esta experiência, parece que ela torna esta experiência um problema exclusivamente médico, uma patologia, que diz respeito apenas a alguns indivíduos. Mas, num certo sentido, esta é a coisa estranha do positivismo: é quase idêntico à realidade, mas a obscurece em tudo. Você pode olhar a mesma imagem, a mesma pessoa, e pode ver ou a versão que lhe é dada por aquela cultura (uma pessoa, um cidadão, um trabalhador), ou então, por trás daquela aparência, uma pessoa criada. As imagens parecem aderir uma à outra. Na nossa cultura, um esconde o outro e é possível viver a própria vida e não se dar conta de que existe uma imagem atrás da aparência que a cultura coloca na nossa frente. É assim com todas as coisas que nos acontecem. A nossa cultura as descreve de modo reduzido, e portanto o meu problema, o alcoolismo, é chamado assim, e num certo sentido aquela palavra é útil, se quer ir tentar se curar, se quer seguir um programa... Se quiserem seguir os programas para os alcoolistas, estas são coisas importantes para puxá-los para trás da beira do abismo.

Mas, tem outra explicação, mais profunda. Aquilo que me aconteceu é que, na realidade, me entendi mal, entendi a minha humanidade erradamente. A sedução daquela cerveja que me havia tornado completo e me fazia sentir eu mesmo, me fez, pelo contrário, sentir assim de modo falso. Agora, não quero entediar vocês com os meus “relatos de guerra”, mas uma manhã despertei, não tinha os dentes da frente e não me lembrava de mais nada. Depois, me contaram o que havia acontecido: tinha ido dançar, estava na beirada da sala e comeci a imaginar que fosse uma piscina, e me joguei na “piscina” e perdi os dentes. Este é um mal-entendido radical da realidade! Frequentemente digo a mim mesmo: esta liberdade, esta completude que eu intuía, no início, quando bebia, me parecia chegar a mim através da cerveja, que, pelo contrário, se afastava cada vez para mais longe, de forma que eu precisava beber cada vez mais, mas não conseguia chegar àquele ponto onde ela estava. Assim, cheguei ao fundo deste

modo de viver. Podemos dizer que foi uma sorte. Eu a chamo uma bênção; fui abençoado. Encontrei-me à margem de um penhasco e encontrei outras pessoas que haviam percorrido o mesmo caminho que eu, que começaram a me falar daquilo que eu vivia também, sem usar as mesmas palavras da medicina e da patologia: usavam palavras que, para mim, não eram familiares, que eu não entendia. Diziam-me: “Você entendeu errado a sua natureza, a sua estrutura”, e eu repetia: “Não, não”; parecia-me ser algo desconexo, inconcebível, irrelevante, que não tinha nada a ver. A minha intuição, depois, foi: “Então, este é um caminho puritano, moralista: diverti-me até agora, coloquei o divertimento na frente e agora tenho que pagar”. Pensava assim. Eles me diziam: “Não, não é assim. Você entendeu errado o relacionamento com a realidade, a natureza do seu ser, entendeu mal a sua dependência na realidade”. Eu estou contando a vocês esta minha história em pouco tempo, mas demorei meses, anos, houve muita dor, eu tinha que voltar sempre para aquele lugar e fazer perguntas, olhar a experiência que eu havia feito e que continuava a fazer.

Outro exemplo: a oração. Eu não rezava há quase quinze anos, de modo algum, não conseguia imaginar como, tendo desertado de Cristo, tendo-O deixado à noite, podia rezar. Como podia? Parecia uma ignomínia, mesmo presunçosa, que Ele quisesse me rever depois de todos aqueles anos. Por isso, não digo que não conseguisse rezar, mas que não podia rezar. Um dia, uma pessoa me perguntou: “mas, você reza?”; e eu respondi: “não, não, não”; e ele me disse: “Ah! Tenta, vai!”. Então, tentei dizer algumas palavras... foi um processo muito lento, com pouca satisfação, até que um dia ele me disse: “Talvez você tenha que rezar de joelhos”. Eu lhe disse: “Não, é impensável”; era impossível a ideia de que eu, sozinho, com ninguém por perto, pudesse me colocar de joelhos; era uma coisa fisicamente impossível, os meus joelhos se recusavam a dobrar-se. Então, disse-lhe isso e ele: “Entendo. Já vi isto”. E me disse: “Tenho uma solução. De manhã, quando for colocar os sapatos, pegue um sapato e o jogue debaixo da cama, e vai descobrir que precisa se ajoelhar para encontrá-lo. Quando estiver ali, de joelhos, lembre-se de rezar”. Parece absurdo, mas foi o que era necessário para mim. Quando Carrón fala do positivismo como um vírus, é verdade, é um vírus e entra dentro do seu DNA, nos músculos do seu ser, não é uma metáfora abstrata, é um fenômeno real, que acontece.

Este foi o início de um relacionamento novo com a realidade, o início de um descongelamento de mim mesmo. É como quando você quer descongelar a geladeira: tem que tirar da tomada e não acontece nada, não acontece nada, nada, e depois escuta *crack*, e depois nada, e depois, depois de muito tempo, outro *crack*. Gradualmente, segue em frente esse processo de se dar conta de que ficar de joelhos não é algo terrível, de que fico mais feliz ao estar de joelhos, depois olho para a minha vida e as pessoas dizem: “E agora, como está?”. Digo: “Está melhor. Está melhor”. “Sabe por quê?”. “Não, não sei por que, mas está melhor”, e isto é evidente, é uma evidência. A cultura do positivismo não permite que isto seja uma evidência, mas é uma experiência, e uma experiência é uma evidência. Mesmo se eu não entenda bem as razões, digo que é uma evidência. Não posso dizer que a minha vida não melhore, e que isto tem algo a ver com alguma coisa que aconteceu, com algo que mudou em mim.

Este foi o início da minha viagem de volta para mim mesmo, não ainda para o catolicismo e nem mesmo para Cristo, porque esta é uma outra história, é um relato mais longo, mas voltarei a ele. Queria contar a vocês isto para ilustrar algo da nossa cultura. É como a ideia que uma imagem da realidade possa ser sobreposta à realidade verdadeira e parece aderir a ela, parece explicar tudo, mas na verdade penetra na nossa consciência de tal maneira que aquilo que é verdadeiro mesmo parece inconcebível, tem que ser descartado, tem que ser marginalizado. Todos nós podemos entender aquilo que Giussani disse. E estamos abertos ao fato que entramos num quarto, podemos falar com as pessoas que negam tudo isto e entrar num relacionamento com todos. Quando Cristo disse a Pedro “antes que o galo cante, tu me negarás três vezes”, e Pedro lhe diz “não, não, não”⁵¹, isto acontece comigo todos os dias. Estou ciente do escapar do fato de formular frases que comunicam aos outros aquilo que eu sou, tenho medo de parecer irracional. Dou-lhes um exemplo que tem a ver com a minha experiência, mas é uma matéria pública.

Amy Winehouse, a cantora pop morta neste verão, foi envenenada pelo álcool e morreu por ter bebido muito. Na nossa cultura, a notícia nos é apresentada a partir de vários pontos de vista. Por exemplo, depois de

51 Cf. Mt 26,34-35.

ter sido curada do alcoolismo, matou-se bebendo (esta é uma manchete de jornal). Mas, se quiséssemos dizer a verdade, teríamos que dizer: “Amy morreu porque entendeu mal a sua natureza”. Esta é a minha intuição, que vem da minha experiência. Eu a vi por anos, e acho que ela era um gênio, chegava da tradição de Billie Holiday, Ella Fitzgerald, a voz da humanidade, uma voz que exprimia a alma da humanidade, e no entanto vivia uma vida da qual os jornais falavam segundo um clichê, o do *rock and roll*: os astros do rock bebem álcool, se drogam... é tudo normal. Por que droga e álcool deveriam estar juntos? Por que alguém que trabalha no ônibus ou guia um trem deveria beber menos do que um astro do rock? Quando eu a via cantando, eu pensava que ela era de fato frágil, e no entanto quando cantava tinha uma potência dentro de si, uma potência que parecia não ser sua, ela parecia ser apenas o veículo desta potência, como o filamento dentro de uma lâmpada, e quando tem a eletricidade ela se acende, tem a luz forte; parecia que ela fosse assim, como muitos artistas eram assim, mas me parecia também que não entendesse aquilo que lhe acontecia. Ela estava no centro desta potência e não sabia o que lhe acontecia, não sabia onde estava e o que acontecia, e isto significa estar destinada a um fim terrível, porque quando a luz é apagada, não pode sair. Como, para mim, o álcool. A intuição desta correspondência é o motor dentro de mim, o objetivo do meu desejo; nós, como seres humanos, temos este objetivo, este desejo dentro de nós, mas sempre tem esta outra possibilidade: uma pessoa com dons excepcionais, com esta potência e capacidade, foi destruída, porque não entendeu aquilo que tinha dentro de si. Alguém tinha que lhe dizer: “Não se preocupe, o que está lhe acontecendo é isto”. Todos nós que escutamos essa história nos veículos de informação, sofremos de modo redutivo a tragédia de Amy, como se fosse inevitável: é uma estrela, portanto é natural que beba, que tome drogas... é normal. Num certo sentido o é, mas por um outro motivo, e precisamente porque nós descrevemos a experiência deste modo redutivo muito mais do que nos perguntar: qual é a minha natureza? Qual é o meu desejo? Qual é o objetivo do meu desejo? E o que a minha voz testemunha? Mesmo se eu não a conheça. Na nossa cultura, é algo de que temos exemplos todos os dias. A cultura nos dá uma leitura da realidade que parece aderir aos fatos, parece explicar tudo, mas, ao contrário, deixa fora tantas coisas. Neste caso, a humanidade da pessoa,

ou seja, o fato que tenha morrido quando não estava no palco. Ela tomava o café da manhã, comia a torrada, deitou-se sozinha pela última vez, e foi encontrada pelo motorista. Tem uma história humana por trás daquilo que escutamos dos veículos de informação.

Há muitos exemplos deste tipo na nossa cultura, quase tudo é um exemplo disto. Agora, falemos da crise financeira, temos os termos técnicos, débito, propostas, diversas soluções, união fiscal... e, depois, tem uma outra voz, que é a voz da esquerda que quer destruir tudo, recuar, recusar tudo, diz que não devemos pagar nada, não devemos pagar os nossos débitos. O que falta é uma versão humana das coisas, uma versão que reflita o que está acontecendo de um ponto de vista humano. Se pudéssemos desenhar o débito da Itália e da Irlanda e colocá-los lado a lado seria difícil saber qual é o maior. O débito é uma expressão do nosso desejo que foi alterado e dirigido para o lado errado. Entendemos errado o que é o nosso desejo. Qual é o débito? É tomar emprestado algo da geração depois da nossa. Eu quero a resposta agora, porém me lanço para o futuro para puxá-la para mim, como eu fiz com um copo de cerveja, como Winehouse fez com a garrafa de vodka perto da cama, são apenas modalidades diversas.

Se eu vou à redação de um jornal e falo disto como de um mal entendido do desejo, me dizem “você é louco!”, “você é louco! Essa religião lhe subiu à cabeça!”. Temos que ser conscientes daquilo que acontece na nossa cultura: a versão falsa da realidade é a que parece a mais razoável, racional. Algo nos aconteceu, o mundo nos influenciou de tal maneira que a natureza de mim mesmo é a estrutura que me é imposta: para viver e falar em nossa cultura, devo excluir a versão verdadeira, não posso falar dela, devo aceitar, num certo sentido, a imagem da minha condição como é definida pelos médicos. Esta ideia me aterroriza: a verdade é inacessível em termos culturais. Esta ideia me aterroriza tanto pessoalmente, quanto como pai. Eu devo deixar que minha filha, que tem quinze anos, entre num mundo onde a verdade é inacessível? É um pensamento que me aterroriza. Por isso, me conforta muito ver vocês hoje, ver a sinceridade, o modo como vocês se comportam. Quero dizer isso sinceramente: para mim, é um sinal de esperança que aquilo que Giussani me oferece, a sua intuição, o modo com o qual a desenvolveu, pela primeira vez na minha vida se

torne a capacidade de compreender a nossa cultura, e também o antídoto, o método com o qual podemos vencê-la. O método é muito simples, esta simplicidade choca, mas é de verdade simples. É a primeira página do décimo capítulo de *O senso religioso*: “Suponhamos estar nascendo, saindo do ventre de nossa mãe com a idade que temos neste momento, no sentido de termos desenvolvimento e consciência como os possuímos agora. Qual seria o primeiro sentimento em sentido absoluto? Se eu abrisse pela primeira vez os olhos neste instante, saindo do seio de minha mãe, ficaria dominado pela maravilha e fascínio das coisas, como de uma ‘presença’. Seria atingido pela reação estupenda a uma presença que é expressa no vocabulário corrente com a palavra ‘coisa’. As coisas! Que ‘coisa’! O que é uma versão concreta, banal, se preferirem, da palavra ‘ser’. O *ser*, mas não como entidade abstrata e sim como presença que não é feita por mim mas que encontro, uma presença que se me impõe”⁵².

Esta é a história da minha vida, no tempo tudo aquilo que me aconteceu me levou até o momento no qual encontrei este parágrafo e pensei: “Ah! É possível sair desta cultura, ver com olhos claros, recuperar, retomarmo-nos; é possível voltar a ser criança!”. O processo que descrevi, a implicação que está no centro deste relato, fugir de Cristo, buscar a liberdade, se tornar adulto, tudo isto implica o fato que deixei atrás de mim as coisas de criança, e isto é verdade, mas a nossa cultura nos diz que é algo bom, é positivo se tornar mais “realistas”, mais “racionalis”. Mas o que descobri na minha vida é que na verdade é o oposto: eu me tornei menos “realista”. Se creio que o lugar onde estou dançando é uma piscina, não posso pensar que estou sendo realista... Do modo mais extremo possível a cultura me desviou, o vírus me influenciou até o ponto que eu perdi de vista a mim mesmo. Mas, isto me acontece todos os dias. O método, que Giussani sugere, de voltar ao momento do nascimento não é aplicado por mim uma vez ao mês, mas em certo sentido em todos os momentos, eu renovo a mim mesmo em todos os momentos, porque também a cultura é inexorável na sua tentativa de desviar o meu caminho. O Papa disse que o homem criou um *bunker* sem janelas e o fez para poder morar dentro dele e poder dizer: “Este *bunker* foi cria-

52 L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., pp. 155-156.

do por mim”, mas ele é fechado, nos fecha para a luz e nos fecha para a compreensão de nós mesmos, tornamo-nos máquinas, tornamo-nos mecanizados e pensamos que isto seja o progresso.

Alguns meses atrás, encontrei-me com o poeta Patrick Kavanagh, que é semelhante a Leopardi, é um poeta que olha a realidade e a penetra com grande profundidade, num modo muito religioso. Ele se dizia poeta católico, mas não pretendia dizer que ia à missa ou que aderiria às regras da fé, mas que, quando ele olhava para um árvore, para uma flor, via uma presença criada. Cada palavra da sua poesia reflete este modo de pensar. Mesmo se ele seja celebrado como um poeta irlandês, o único depois de Yeats, tem uma estranha “reputação”: você pode ouvir discursos sobre Kavanagh, mas nenhum deles falará do seu ser católico, do seu senso do mundo criado. Falava do *flash*, que, para ele, quer dizer a intrusão do Outro na realidade. Quando acontecia, as palavras se tornavam poesia. Portanto, eu falava deste poeta não na igreja, não para um grupo de católicos; havia muitos leigos, e eu sentia um mal estar no público. No fim, um senhor veio e me disse: “Eu não vim aqui para uma aula sobre o catolicismo, vim para ouvir sobre Patrick Kavanagh”, e eu lhe disse: “Mas, não me parece possível falar dele sem falar do seu ser católico”. “Mas, será que você não se dá conta de que o homem foi à Lua?”. E depois destas palavras, logo depois, entendi num instante, de um modo quase impossível de dizer, reconheci que esta frase exemplificava o positivismo de que falam o Papa e Giussani. Este homem parecia dizer: “Deixamos para trás tudo isto porque progredimos, estamos descobrindo tudo, quase chegamos, já estivemos na Lua, entendemos quase tudo, falta pouco para alcançar ainda, e sabemos já que tudo isto não tem sentido”. Eu lhe perguntei: “Mas, você esteve na Lua?”. E ele disse: “Não”. “Conhece alguém que tenha estado na Lua?” “Não.” “Portanto, que diferença faz, para você, se alguém esteve na Lua? Como é que este fato muda você? Por que lhe parece que esta descoberta seja sua? O que quer dizer para você?”. Não entendeu aquilo que eu pretendia, e, na hora, nem mesmo eu sabia bem o que queria dizer, mas me parece que tem a ver com aquilo que sabemos de nós mesmos, da nossa condição. São nos dadas sempre informações sobre o progresso do homem, e a sedução está no fato que cada coisa indicaria que a onisciência está na esquina, que estamos quase chegando, que temos apenas que

acumular algumas coisas, depois entenderemos tudo e o homem se tornará o mestre de si mesmo. Eu não confio nisto! Não queria minimizar os resultados aos quais o homem chegou, a ciência é uma coisa maravilhosa, o saber é uma coisa fantástica, e eu estou convencido de que não exista conhecimento que possa minar aquilo no que eu acredito, mas dizer que “o homem esteve na Lua” significa o que na vastidão do universo? É um resultado maravilhoso visto daqui, mas do ponto mais distante do universo o que quer dizer? Imaginem que uma criança que não caminhe ainda esteja aqui, no chão, debaixo do palco, engatinhando. Imaginem que a criança chegue aqui, perto de mim, em cima do palco. Isto é um resultado maior do que o fato de o homem ir à Lua, em termos reais. Não minimiza o resultado, mas dá uma outra perspectiva para a coisa. O que falta, nessa ideia de onipotência de que se fala tanto, é uma perspectiva, a perspectiva à qual se pode chegar apenas de joelhos. Somente dessa maneira poderemos ver o universo na sua perspectiva correta.

Uma das coisas que me foi dita quando eu estava na beira do abismo, para descrever a minha condição, é que eu tinha tirado Deus do Seu trono, havia visto o trono vazio e havia me sentado nele. Nesse ponto eu descobri, tendo destronado Deus, tendo tirado Deus da minha existência, que eu tinha a responsabilidade de Deus na minha vida e não tinha o Seu poder, a Sua potência; isto amplificou os medos dentro de mim. Por isso, o processo que começou tudo isto, a busca pela liberdade através do álcool, fez com que, para extinguir os meus medos, eu tivesse que beber cada mais mais, e portanto o ciclo se acelerava de modo exponencial, até que cheguei na beira do abismo.

Eu lhes ofereço isto, uma breve história dos meus erros e a alegria de viver no vê-los por aquilo que, de fato, são, a alegria de poder ler este livro de Giussani. É um livro estranho, muito difícil, e no entanto não se pode dizer que haja muito de que não se sabia de alguma maneira, que, de alguma maneira, já não era familiar. O que há de novo é o despertar-se, lendo-o, das intuições que você tinha dentro de si. É o trabalho de um gênio, é o livro mais radical que eu jamais li, porque me descreve, a condição na qual eu vivo, as tendências que tenho, e depois me oferece o caminho para voltar. Obrigado.

Carrón: Ouvindo John, se entende bem porque Dom Giussani insiste que o problema da vida é um problema de conhecimento, porque o que está, de fato, em discussão – como vimos hoje – é a natureza do eu. O que a nossa cultura entendeu mal é a nossa humanidade, pensando que seja um problema de doença, ou um problema de outra natureza; ter entendido mal qual é o verdadeiro relacionamento com a realidade e encontrar uma pessoa como John que nos ajuda a entender isto é, verdadeiramente, uma graça, porque nos torna conscientes de qual é o alcance do caminho que estamos fazendo juntos. Ele nos testemunhou que, se entendemos isto, não nos entenderemos mal e não nos exporemos a errar outra vez. Por isto, se entende bem porque *O senso religioso* é um livro que lhe faz companhia. Eu o vi levá-lo à televisão ou ao rádio, quando é chamado a fazer uma entrevista, porque – como nos disse: não o lê de vez em quando, o relê sempre – lhe faz companhia, que é diferente de lê-lo como se fosse um dever: é a possibilidade de entender a si mesmo, por esse motivo diz que é o livro mais radical que jamais tenha lido. Por isso, agradecemos a ele, porque vimos nele o que quer dizer tornar-se novo, retornar a si mesmo, tendo uma história diante de nós, um caminho, uma pessoa que já fez este caminho. Obrigado!

11 de dezembro, manhã

Esta manhã, eu me perguntava o que eu queria dizer ao afirmar que a realidade é positiva. Bastaria reler juntos os cantos que acabamos de cantar para começar a entender, porque, na simplicidade dos cantos, se diz tudo. Agora mesmo, em *Romaria*, dizíamos: “É de sonho e de pó o destino de um só, feito eu, perdido em pensamentos, sobre o meu cavalo. É de laço e de nó, de gibeira o jiló, desta vida sofrida a só. [...] O meu pai foi peão, minha mãe solidão, meus irmãos perderam-se na vida em busca de aventura. Descasei e joguei, investi, desisti. Se há sorte, eu não sei, nunca vi”⁵³.

Se a vida é aquilo a que toda a cultura nos empurra, onde tudo é reduzido àquilo que se toca e se vê, então eu entendo que se possa dizer: “Se há sorte, eu não sei, nunca vi”. De fato, se tudo se reduz a “jogar”, a “investir”, e depois, já que isto não consegue responder, a “desistir”, como pode alguém dizer que a realidade é positiva? Vence este positivismo a que se referia, ontem, John Waters; se esta é a vida, então a pessoa acaba por desistir de tudo, porque tudo é sufocante. Se tudo acaba no nada, se suscita um interesse que depois me abandona, o que é a vida? A dor, o mal, a morte, são estas, então, as últimas palavras? A nossa cultura tem dificuldade, nós, que estamos imersos nesta cultura até o pescoço, temos dificuldade para compreender, porque falar da realidade é falar da realidade reduzida a aparência. O problema, amigos, é que tantas vezes nós nos contentamos com isso e não sentimos a urgência de algo outro, mesmo em certos momentos, nos quais, quase que por milagre, se abre uma brecha neste positivismo sufocante, porque não damos mais conta. É como se não tivéssemos necessidade do Tu, como se não tivéssemos necessidade de ir além da aparência. Mas, tudo o que existe foi feito por Quem? Quem o faz agora? Nós, homens do nosso tempo, somos tão imorais que, como dizia Dom Giussani, em última instância, ficamos

53 R. Teixeira, “Romaria”.

na aparência, que nos leva, depois a sufocar; não sentimos a urgência e, depois, sufocamos no real. A realidade nos parece positiva apenas quando é agradável, mas – como dizia ontem no exemplo dos cartões de Natal – a experiência nos diz que o cartão nos interessa verdadeiramente por causa do tu, mesmo se é mais modesto. O real é interessante por causa do Tu; por isso, a única questão da vida é que este Tu, que a torna positiva (de outra forma tudo acabaria no nada), se torne familiar. Toda manhã se repropõe o mesmo drama para cada um de nós: “Pela manhã / a minha ânfora é vazia na fonte / [...] Alguém está no fundo do meu desejo: que eu te veja [que eu possa ver este Tu, como, para a criança, é o tu da mãe], e é esta a manhã”⁵⁴.

Afirmar a positividade da vida não significa que a vida não reserve sofrimentos, que não exista o mal, que não exista a morte. O problema, pessoal, é outro, o problema é: mas este mal, este pecado, esta morte são a última palavra sobre a vida? É preciso responder a esta pergunta: o que está atrás desta afirmação (a positividade, a inexorável positividade do real), o que está em jogo é se a última palavra da vida, o objetivo para o qual fomos feitos, é o nada ou o positivo, o bem que vence o nada. A luta é exatamente contra o niilismo, por isso tocamos numa tecla que interessa a todos, sobretudo quando a vida clama e quando vemos os nossos amigos morrerem. Mas, a última palavra sobre a vida de Bizzo é a morte? Vocês estão seguros disto? Podem colocar a mão no fogo? É a isto que vocês devem responder: Quem faz a vida agora, a vida de cada um de nós? Vocês a dão para vocês mesmos, nós a damos para nós mesmos? Existe ou não existe? E se existe, pelo menos como categoria da possibilidade, Quem a dá agora, a pode dar para sempre? A categoria da possibilidade abre uma brecha no meio do muro do nosso ceticismo.

Se, seja como for, começamos a tocar com a mão, pelo encontro que fizemos, o fato que a vida pode se tornar apaixonante, muito mais do que pensávamos antes, que pode encher-se de significado, então aquela possibilidade começa a se tornar certeza de que nem tudo decai, de que nem tudo acaba em nada, de que começamos a fazer uma experiência do viver verdadeiramente desejável, que antes não pensávamos que pu-

54 A. Mascagni, “Al mattino”. *Canti*, op. cit., p. 176.

desse existir até este ponto: interessante, saborosa (como disse uma de vocês). E então o que acontece? “Começando a fazer a experiência disto, me dou conta de que desejo sempre mais: com esta abertura, sob o Seu olhar, a vida é de tal forma interessante e saborosa que não quero mais viver menos do que isto”. Essa pessoa está inventando isso, está sonhando, ou se trata de uma experiência presente, na qual se começa a tocar com a mão que aquela vida pode se tornar cada vez mais vida por causa de algo que acontece? E, por isso, a pessoa deseja sempre mais: “Portanto, peço-lhe uma ajuda: como é que se pode dilatar esta abertura?”. Por que, em nossa amiga, nasce o desejo de dilatar esta abertura? O que ela vislumbrou nessa abertura? Ela levanta a questão só para complicar a vida ou para não perder aquilo que já começou a experimentar? “Como é que esta tensão de vida pode permancer? Como é que este novo uso da razão pode se tornar uma constante e não mais uma raridade ou uma exceção passageira?”. E, nesse ponto, a pergunta clama.

Ou, como diz esta outra carta: “Vejo a desproporção total entre esta consciência de mim como criatura, à qual o meu coração anseia, e uma concepção de mim redutiva. Gostaria de lhe perguntar: como é que esta consciência, que emergiu tão clara assim nestes dias [vivendo a morte de Bizzo], pode se tornar estável, radicada em mim? Vejo que se ofusca em mim facilmente, é coberta pelas mil preocupações. Assim, o fato de viver não é mais uma provocação, mas uma preocupação”. Jesus tem mesmo razão, quando diz que nós nos preocupamos como os pagãos, por causa da nossa falta de certeza: ao invés de sermos provocados a descobri-Lo cada vez mais, nos tornamos cada vez mais preocupados. Quem pode responder a isto? O que é que pode tornar clara esta consciência, que em certos momentos, como dizíamos ontem na assembleia, se abre por uma dor, como no caso da morte de um amigo? Respondia à pergunta na assembleia que fizemos na Faculdade de Ciências da Universidade dos Estudos de Milão, depois da morte de Bizzo (vocês podem lê-la, depois, na *Passos* de dezembro). “Uma razão capaz de reconhecer o real em toda a sua profundidade nasce e se realiza no acontecimento cristão”⁵⁵, dissemos na Jornada de Início de Ano. Participamos deste acontecimento na

55 J. Carrón, “Viver sempre intensamente o reale”. *Passos-Litterae Communionis*, n. 11, nov/2011, p. 8.

comunidade cristã, por isso podemos nos educar a esta capacidade de reconhecimento e fazê-la se tornar estável apenas se vivermos na comunidade cristã. Uma comunidade cristã é uma comunidade que constantemente nos desafia e permite que aconteçam fatos capazes de nos educar continuamente, porque nem mesmo um evento doloroso como a morte consegue manter a ferida aberta: nós, pouco depois, decaímos.

Disto surge a pergunta, nós a escutamos na Jornada de Início de Ano, da carta daquele garoto de Roma: quando estava no hospital, tudo parecia novo, nada mais era óbvio, mas, uma semana depois de ter saído, tudo havia voltado a ficar achatado outra vez. Nem mesmo uma ferida como aquela permanece aberta. Mas, se nem mesmo um evento muito doloroso é capaz de nos abrir definitivamente, o que é que pode sustentar a nossa esperança para que não decaia depois de um tempo, para que não se habitue outra vez à rotina?

É então que se começa a entender o que Cristo introduziu na vida e o que permanece na comunidade cristã. Cada um pense em si mesmo: cada um de vocês, se não estivesse aqui, onde estaria? Que abertura teria para vida? Se a comunidade cristã é a realidade que nos abre constantemente à possibilidade de não ficar na aparência, se nos faz viver tudo deste modo, qual é o seu valor? Como pode um grupo de homens, pobres coitados e cheios de limites como nós somos – como cada um de nós sabe que é, se é minimamente consciente –, dar uma contribuição tão decisiva assim para viver o real com verdade? É por que somos bons? Não temos limites? Não erramos? Todos nós sabemos que somos cheios de limites até o pescoço, mas, apesar de todos os nossos limites, somos obrigados a reconhecer que, estando juntos, temos um ímpeto que não depende de nós e não tem comparação, temos um desejo vivo, a ferida sempre se nos abre, uma tensão no sentido de que a vida se torne interessante e saborosa. “Não quero mais viver menos do que isto”: pelo menos em algum instante do nosso estar juntos isto apareceu. Então, entendemos que aquilo que dizíamos ontem permanece, continua, hoje, entre nós: “Só o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana”⁵⁶. E então reconhecemos o valor da comunidade cristã: se entre

56 L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 120.

nós que somos, como disse São Paulo, vasos de barro, cheios de limites, acontece esta novidade, quer dizer que, nestes vasos de barro que somos existe a força de um Outro, existe uma força que vem do alto, existe algo de divino no humano da nossa fragilidade⁵⁷.

Vemos que Ele age no meio de nós, e isto começa a nos fazer saborear a positividade da vida, a positividade da realidade. A realidade é positiva porque Ele existe, porque Ele está em ação no meio de nós. Começamos a tocar com a mão o que é a realidade quando nós O vemos em ação, não porque somos bons, mas porque aceitamos estar dentro de um lugar onde Ele nos faz entender, experimentar, saborear Quem é e, portanto, o que é a vida, o que pode ser a vida.

Isto é ou não é real? É real o fato de que, sem negar nada de toda a nossa distração, de todo o nosso mal, de toda a nossa estupidez, começamos a saborear isto, ou é um sonho? O nosso amigo chinês que nos segue percebeu algo ou ele também é um visionário? É um visionário ou existe algo na realidade que é tão positivo para ele, tão desejável, que não quer perder nada, e cada vez se cola mais, são demãos de cola, como foi para João e André?

Pensávamos já saber o que era o cristianismo. Mas, como a nossa amiga nos contava ontem, falando-nos do garoto chinês, é um outro – que nem mesmo sabia quem era Cristo – que nos diz qual interesse Cristo tem, qual é a Sua positividade e que positividade Ele introduz na vida. Não existe nada de novo nisso, porque é o que está descrito no Evangelho. A mulher cananeaia, que mendigava as migalhas dos cãesinhos, entendia mais do que muitos de Israel, e por isso Jesus dizia aos israelitas do tempo: “Atenção, porque vós, mesmo tendo sido escolhidos, podeis ficar de fora, e outros entrarem no banquete”. Nós que recebemos primeiro o anúncio cristão, se não entendermos, se não tivermos a simplicidade que nos testemunha, por exemplo, o nosso amigo chinês, podemos ficar de fora, com as nossas digressões, com as nossas teorias, com o nosso niilismo, com todos os nossos pensamentos, porque pensamos ser mais inteligentes do que os outros, como vemos que está acontecendo em todos os cantos do Ocidente. O fato que, nem mesmo

57 Cf. 2Cor 4,7.

quando O temos diante de nós, quase O reconhecemos, é um sinal de inteligência ou exatamente o contrário? O que o amigo chinês vê é uma realidade? E qual é a origem desta realidade?

É Alguém real, presente, que torna tudo positivo, não é algo de virtual, mas algo que se pode tocar. Como escrevia a nossa amiga, o garoto chinês não para naquilo que somos, mas vai além, porque aquilo que lhe interessa é o que carregamos. A origem deve ser real, por isso na nossa comunidade cristã somos chamados a viver a mesma experiência do nosso amigo. E para que isto se torne cada vez mais nosso, e nós, que fomos chamados primeiro, possamos resistir, Dom Giussani nos diz: “uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário”⁵⁸. Olhem, rapazes, que a fé ou é uma experiência presente, na qual encontro a confirmação, vivendo, de como é desejável, interessante e saborosa, ou então não poderá resistir num mundo no qual tudo diz o contrário.

E neste ponto devemos nos ajudar de verdade. Fiquei muito tocado com a carta que o nosso amigo Marco Gallo, o garoto de Monza que morreu quase que ao mesmo tempo que Bizzo, deixou escrita. Escutem o que ele diz: “Sou Marco Gallo, um garoto de Monza de 17 anos. Ontem, indo à peregrinação para a Beatificação de João Paulo II, é como se tivesse nascido em mim um potente desejo de conhecê-lo. Tentei entender quem era, e fiquei profundamente tocado por estas suas palavras: ‘Não tenhais medo! Abri, ou melhor, escancarai as portas a Cristo! Para a Sua potestade salvadora abri os confins dos Estados, os sistemas econômicos e os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização, de desenvolvimento. Não tenhais medo!’ [cita todo este trecho do Papa]. ‘Cristo sabe o que há dentro do homem. Somente Ele o sabe! Hoje, muito frequentemente, o homem não sabe o que carrega dentro de si, no profundo do seu espírito, do seu coração. Assim, frequentemente, se encontra incerto sobre o sentido da sua vida nesta terra. É invadido pela dúvida que se transforma em desespero. Permitti, portanto – vos

58 L. Giussani, *Educar é um risco*. São Paulo, Ed. Companhia Ilimitada, 2000, p. 14.

peço [termina o Papa], vos imploro com humildade e com confiança –, permiti a Cristo que fale ao homem. Somente Ele tem palavras de vida, sim!, de vida eterna”. E comenta: “É como se, finalmente, alguém tenha me entendido”. Fiquei pasmo! “Alguém tenha me entendido...”: isto é o que ele estava desejando. E o que quer dizer entender? Ele explica na linha seguinte: “Uma compreensão que vai além da dos amigos e das pessoas que encontrei”. Fiquei tocado porque nós dizemos tantas vezes: “Mas, o que é o concreto e o que é o abstrato?”. É impressionante que, por intermédio de alguém que morreu (João Paulo II), tenha lhe vindo a curiosidade, indo à sua Beatificação, de conhecê-lo, e relendo estas palavras (as que citei) ele, finalmente, descobre que alguém o entendeu. Podemos ter, entre nós, tantas pessoas que se agitam, que são aparentemente concretas, e no entanto não nos entendem.

Por isso, compreendo de verdade aquilo que um de vocês me escreve: “Percebo hoje com mais consciência, por causa do caminho feito, que um risco está sempre à espreita (um risco que não nos permite dar nada como óbvio: o nosso estar juntos pode sempre ser vivido como uma bela companhia, fascinante, cheia de iniciativa [como dizia Marco sobre seus amigos], mas não é real e totalmente humana). [Pode ser] um estar juntos que se torna ‘camaradagem’: podemos ser cúmplices, escondendo ou colocando de lado o drama do viver [por isso, alguém como Marco, que tinha este drama, não se sentia entendido: precisou ler alguém que não escondia o drama para se sentir compreendido]. Mesmo conhecendo o ‘discurso’ sobre Cristo, mesmo vivendo tantas belas e apaixonantes experiências, Ele pode não se tornar ‘o ponto de referência central no modo de pensar e de agir, nas escolhas fundamentais da vida’ [como Bento XVI recordou há duas semanas]. Quando é assim [ele está muito preocupado vendo os amigos que saíram do grupo dos universitários, o CLU], tão logo alguém sai do CLU [e não está mais no curral com todos juntinhos] e se vê vivendo situações de dificuldade ou de solidão, as certezas repetidas e declaradas tantas vezes derretem como a neve ao sol”.

Por isso, se o nosso estar juntos não é uma experiência vivida, durante o tempo que estamos juntos no CLU, no qual verificamos o encontro feito, não poderemos resistir. Já é difícil resistir no tempo do CLU, imaginem depois... A vida clama, rapazes, então precisamos esclarecer

as coisas rápido entre nós, para não ter amigos que não nos entendem e para não estar juntos, como o nosso amigo escrevia, de um modo que se torna “camaradagem”.

Dom Giussani nos perguntava o que é uma companhia humana, totalmente humana. E, para nos ajudar a entender o que é a companhia, dizia: “O ideal do homem vem de dentro do homem. Qualquer ideal que não brote do homem mesmo [da sua experiência elementar, da sua exigência de verdade, de beleza, de justiça] o aliena. [...] Buscando o ideal, o homem se torna sempre mais si mesmo [...]. O ideal do homem brota do homem mesmo, constituindo a sua essência”⁵⁹. Para Giussani, o ponto de partida para nos ajudar a entender é uma lealdade com o nosso ser homens, com a exigência que trazemos em nós de beleza, de justiça, de realização e de felicidade. Este é o ideal: e a partir disso a pessoa, depois, reconhece os companheiros com os quais irá caminhar em direção ao mesmo destino; a companhia é para o homem. “Se a companhia é para o homem, ela é um fenômeno de relacionamentos entre homens que se ajudam a ir ao destino, ao ideal. O equívoco está em inverter a questão, fazendo da companhia o termo dominante, o horizonte dominante, a forma que domina o homem, de forma que o homem se torne escravo dela. Ao invés de ser a companhia para o homem, é o homem para a companhia”⁶⁰.

“O equívoco, portanto, está nisso: a companhia pode se tornar a traição total do *eu*, em vez de ser o caminho que o *eu* realiza em direção ao destino, a ajuda que é dada ao homem para caminhar rumo ao destino”⁶¹. O ponto não é tirar a companhia, mas se ela é uma companhia para o homem, para ajudar o homem a alcançar o destino, a plenitude, porque de outra forma deixará de ser interessante. “Uma companhia que é para o homem, e portanto é o instrumento que o acompanha ao seu destino, é uma companhia construída pelo homem”⁶². Por isso, primeiro decidimos, no “recôndito início”⁶³, qual é o nosso ideal e, depois escolhemos os amigos. Veem que é o contrário daquilo que frequentemente pensamos?! Primeiro, decidimos onde queremos ir, depois escolhemos quem

59 L. Giussani, “O ideal e a companhia”. *Litterae Communionis*, n. 39, mai-jun/1994, p. 25.

60 *Idem*.

61 *Idem*.

62 *Ibidem*, p. 26.

63 L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 186.

decide ir para onde estamos indo. Por isso, o Senhor colocou na companhia alguns que são como profetas, chama para dentro da companhia alguns que são chamados a gritar diante de todos qual é o significado do viver. Dá a vocação à virgindade a alguns, para que gritem a todos o sentido e o significado do viver. Escolhe-os, chamando-os pelo nome, para colocá-los diante de todos nós como profetas que nos digam, com o seu modo de viver, para o que fomos feitos, de tal maneira que, olhando para eles, possamos ter a luz no meio da escuridão: olhe, este é o viver, por isto vale a pena viver!

Para explicar o que é a virgindade, Dom Giussani diz: “A virgindade é a reviravolta, é a revolução do relacionamento comum [dessa forma, nos ajuda a entender qual é a verdade do nosso relacionamento. E qual é o relacionamento comum?]. O relacionamento comum é ‘através’ do real criado, o si mesmo ou o mundo, e chega ao relacionamento com Deus como consequência. A virgindade [pelo contrário] revira, revoluciona este relacionamento [...]: o *primum*, o preponderante [...] é Cristo em mim”⁶⁴, que toma de tal forma o homem, que o fascina tanto, que o chama tanto a um relacionamento conSigo, que através desta plenitude entra num relacionamento livre, gratuito, com tudo, e aquilo que eu dizia ontem era como a dica: todos podemos entender – eu dizia – o que aconteceu da primeira vez que cada um conheceu a sua namorada, ou seu namorado, e aquele relacionamento, absolutamente único, virginal e gratuito, teve uma intensidade maior do que qualquer momento que sucedeu. O Mistério, para fazer-nos entender qual é a verdade do relacionamento que você tem com a sua namorada ou com o seu namorado, chama alguns para serem profetas da verdade do relacionamento, daquilo que também a você agradaria viver com a sua namorada ou com o seu namorado. E, em vez de dar uma aula, faz isso acontecer, chama alguém e o coloca diante de todos para dizer “pessoal, este é o viver”, para que o significado da companhia, do nosso estar juntos, não se perca.

Como, então, reconhecer uma verdadeira companhia? Uma companhia é verdadeira quando me introduz numa experiência na qual posso aprender a usar a razão. Escutem estes dois textos de Dom Giussani que

64 L. Giussani, *Diretório dos Memores Domini*.

nos explicam o trabalho que devemos fazer, para o qual, ontem, pediam uma ajuda. O primeiro é este: “O problema de *O senso religioso* é exatamente o de nos ajudar a entender que o horizonte humano não se exaure naquilo que se vê e se toca [Estamos tentando entender que o horizonte humano não se exaure naquilo que se vê e se toca, que é apenas aparência. Mas como posso entender que tudo não acaba naquilo que se vê e se toca?]. Então é como um exercício: é exercitando a razão em função da fé [ou seja, do reconhecimento daquilo que não se vê e não se toca] – a fé como graça que faz a razão florescer – [é exatamente o acontecimento do cristianismo, de fato, que faz a razão florescer], é exercitando a própria vida racional que, mais ou menos lentamente, o ‘como se Deus não existisse’ se torna o Deus que se vê, o Deus que se sente, o Deus que se torna amigo”⁶⁵. Dom Giussani nos convida e nos oferece um caminho a ser feito usando a razão, brandindo a razão. Porque, se você reduz a si mesmo àquilo que você sente, ao estado de espírito, você estará acabado e sufocado; mas mesmo aí você pode usar a razão e não se reduzir àquilo que, naquele momento, o sufoca. Para nós, isto parece uma complicação, mas Giussani nos oferece um caminho: podemos seguir este caminho para sair deste positivismo sufocante, para abrir as janelas e usar a razão segundo a sua verdadeira natureza. Como? Exercitando a própria vida racional. E então aquilo que definimos como viver “como se Deus não existisse”, como ateus, se torna o Deus que se vê, que se toca e que se sente. Podemos decidir.

O segundo texto descreve uma companhia capaz de nos fazer superar a fratura entre o reconhecimento e a afeição, outro grande tema. “O nexo entre reconhecimento e afeição é a última trincheira da batalha. Que o reconhecimento de que Deus existe [que é o que faz a razão] se torne estável, tenha uma certa estabilidade, é suficientemente fácil com o tempo que passa. A coisa mais difícil é que [olhem como o diz, é belíssimo!], deste Deus que existe, que quase se vê [quando a pessoa usa bem a razão], se passe à afeição a Ele [Esta é a passagem: que aquele Deus que reconhecemos se torne sempre mais familiar, a ponto de nos afeiçoar a Ele]. Esta falta de afeição é superada pela maturidade posterior:

65 L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro* (1988-1989), op. cit., pp. 228-229.

é o tempo que faz, se a pessoa se coloca bem, quer dizer, se sabe o que é a razão, se se maravilha bem, se se dá conta bem do que é a fé, [...] do ímpeto que existe dentro de cada coisa: [porque] tudo é sinal [e então, devagar, se chega a esta afeição]. Se se dá conta, se se começa a entrever a grande presença [mas não como uma questão sentimental: a pessoa começa a olhar as coisas reais, como no exemplo do cartão, e por meio do cartão começa a vislumbrar o tu. E se a pessoa se habitua a olhar o real como o primeiro chamado do Tu, como a modalidade pela qual o Tu se torna presente], então o tempo que passa faz tornar esta presença contínua e faz tornar esta contínua presença sempre mais facilmente o objeto da afeição, que atravessa, que está dentro do rosto da mulher que você ama e que está dentro da face das montanhas que você vê. É preciso o tempo, mas antes é preciso que a pessoa se coloque bem”⁶⁶. Somente se nós começarmos a fazer este caminho que estamos percorrendo juntos, por meio do qual não paramos mais na aparência, mas usamos sempre mais a razão segundo a sua natureza até o Tu, como descreve o capítulo décimo de *O senso religioso*, é que seremos cada vez mais afeiçoados a este Tu. Sem nos afeiçoarmos cada vez mais a este Tu, sem o reconhecimento que se torna afeição, sem uma razão que se torna amorosa, não poderemos saber, até o fundo, o que é a positividade do real, porque a positividade do real é Ele. Mas, isto acontece no tempo que passa, sem medir e sem nos escandalizarmos com nada. Trata-se tão somente de uma tensão e, se a pessoa tem a paciência no tempo que passa, a positividade do real se tornará cada vez mais dela, sempre mais nossa, até o ponto que não nos contentaremos mais com menos do que isso.

Por isso, qual é a verificação última que indica que uma companhia é verdadeira? Se nos introduz à oração, segundo um conceito de oração não apenas pietista, mas verdadeiro, porque a oração é a consciência última de si, consciência de dependência constitutiva, e representa o tecido do sentimento de si que Cristo tinha. Ele estava sempre em relacionamento com o Pai e entrou na história para nos testemunhar isto: “Em verdade, em verdade, vos digo: o Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer”⁶⁷. Cristo, entrando na

66 *Ibidem*, p. 229.

67 Jo 5,19.

história, nos testemunhou o relacionamento com o Pai que O constitui: esta é a vida verdadeira do homem. Por isso, na oração, vivida assim, ressurge e toma consistência a existência humana, porque se dar conta da dependência original que lhe é própria não significa apenas tomar consciência de um passado (quando nascemos), do gesto que nos criou; a dependência do homem, pelo contrário, é contínua, em todo instante, em todas as nuances do nosso agir. Cada fragmento da nossa existência tem no mistério do Ser a sua origem total. Deus é o nosso verdadeiro pai, nos está gerando agora; mas nós podemos viver como filhos, com a consciência de ter um pai, ou como órfãos. Mais ainda, podemos dizer ter um pai que nos gera agora e, tantas vezes, viver como órfãos. Quantas vezes dizemos estar sozinhos? É apenas tomando consciência dEle, do nosso Pai, que se elimina, para sempre, a solidão, porque a existência se realiza substancialmente como diálogo com a grande Presença que a constitui, com este nosso Companheiro inseparável.

Dom Giussani diz: “A companhia está *no* eu”⁶⁸. Por que a companhia está *no* eu? Porque eu, se tomo consciência de mim até o fundo agora, sou obrigado a reconhecer a fonte da qual eu sou a nascente: eu sou Tu que me fazes agora. Toda amizade humana é apenas o reflexo da estrutura original do ser. Então, a oração não é um gesto a parte, é a dimensão de toda ação, de todo instante, esta consciência de um Outro que me faz, é a dimensão de todas as coisas. Mas, atenção, se é a dimensão de todas as coisas, por que eu devo realizar um ato de oração, por que, em certos momentos, eu devo rezar? Olhem o que Dom Giussani diz: “O ato de oração será necessário para treinar-nos nessa consciência de todas as ações”⁶⁹. Se não parássemos em alguns momentos para “nos treinar”, todos sabemos que viveríamos toda ação na distração. É para nos treinar a isto que convém rezar com esta consciência.

“A mais alta expressão da oração é sua natureza de *pedido*. [...] A evidente dependência última e total só pode traduzir-se existencialmente em pedido. Aquele que nos faz, nos faz *vida*: perceber Aquele que nos faz coincide com o pedido de que nos faça vida. Nós somos feitos como simpatia e sede de vida. Se a grande consciência [...] não se traduz em

68 L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 130.

69 Cf. *Ibidem*, p. 130.

pedido [pedido desta vida], não é verdadeira consciência”. Esta é a nossa esperança, e “a oração é só pedir, pedir a partir de qualquer coisa”⁷⁰. É vendo como Jesus responde ao nosso pedido, vendo qual vida nos comunica, ficando surpresos e maravilhados pelo que Ele nos faz ser a mais, é que podemos finalmente entender a inexorável positividade do real, não como uma frase para ser repetida, mas como uma experiência para ser vivida com o maravilhamento por Aquele que preenche a vida de vida e que nem mesmo a morte, ou o sofrimento, ou a escuridão, pode vencer. Se ficar apenas como uma frase, a inexorável positividade do real pode ser colocada em crise pela primeira mudança de humor: imaginem o que acontece diante da morte ou do sofrimento! É apenas esta vida, esta superabundância de vida, que nós não podíamos nem mesmo sonhar, que Cristo trouxe para a história – “Vim para que tenham vida e a tenham em abundância”⁷¹ –, que pode nos convencer da positividade inexorável do real, do fato de que nada pode ameaçá-la, que nada pode vencê-la, que sempre é possível reconhecer a Sua vitória sobre o nada, sobre o sofrimento ou sobre a morte. Mas este significado é revelado apenas a quem, aceitando participar da companhia cristã, da presença de Cristo, participa daquela experiência onde a pessoa recebe a vida para sempre. Não somos um clube que organiza eventos, férias ou iniciativas. Somos um lugar que Cristo gera constantemente com a Sua presença que nos enche de vida. Isto é o que cada um de nós deve ter vislumbrado pelo fato mesmo de estar aqui; se não o tivéssemos vislumbrado, nenhum de nós estaria aqui. É a nossa própria presença aqui que documenta, que grita que a Sua presença é experimentável. Estamos juntos para que esta experiência se torne sempre mais nossa, maior, e tome conta de tudo e de todos.

70 L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 131-132.

71 Jo 10,10.

INTRODUÇÃO

9 de dezembro, noite 3

PALESTRA

10 de dezembro, manhã 9

ASSEMBLEIA

10 de dezembro, tarde 29

TESTEMUNHO

10 de dezembro, tarde 45

SÍNTESE

11 de dezembro, manhã 57

Na capa: foto Getty Images
Suplemento da revista Passos - Litterae Communionis, nº 134, jan-fev/2012
Uma publicação da Sociedade Litterae Communionis
Rua Félix Guilhem, 275 - Lapa de Baixo, São Paulo, SP - 05069-000
Tel: (11) 3871.1352 - passos@cl.org.br
www.passos-cl.com.br
Jornalista Responsável: Isabella Santana Alberto - MTB 56.802
Diagramação: RW3 Design

